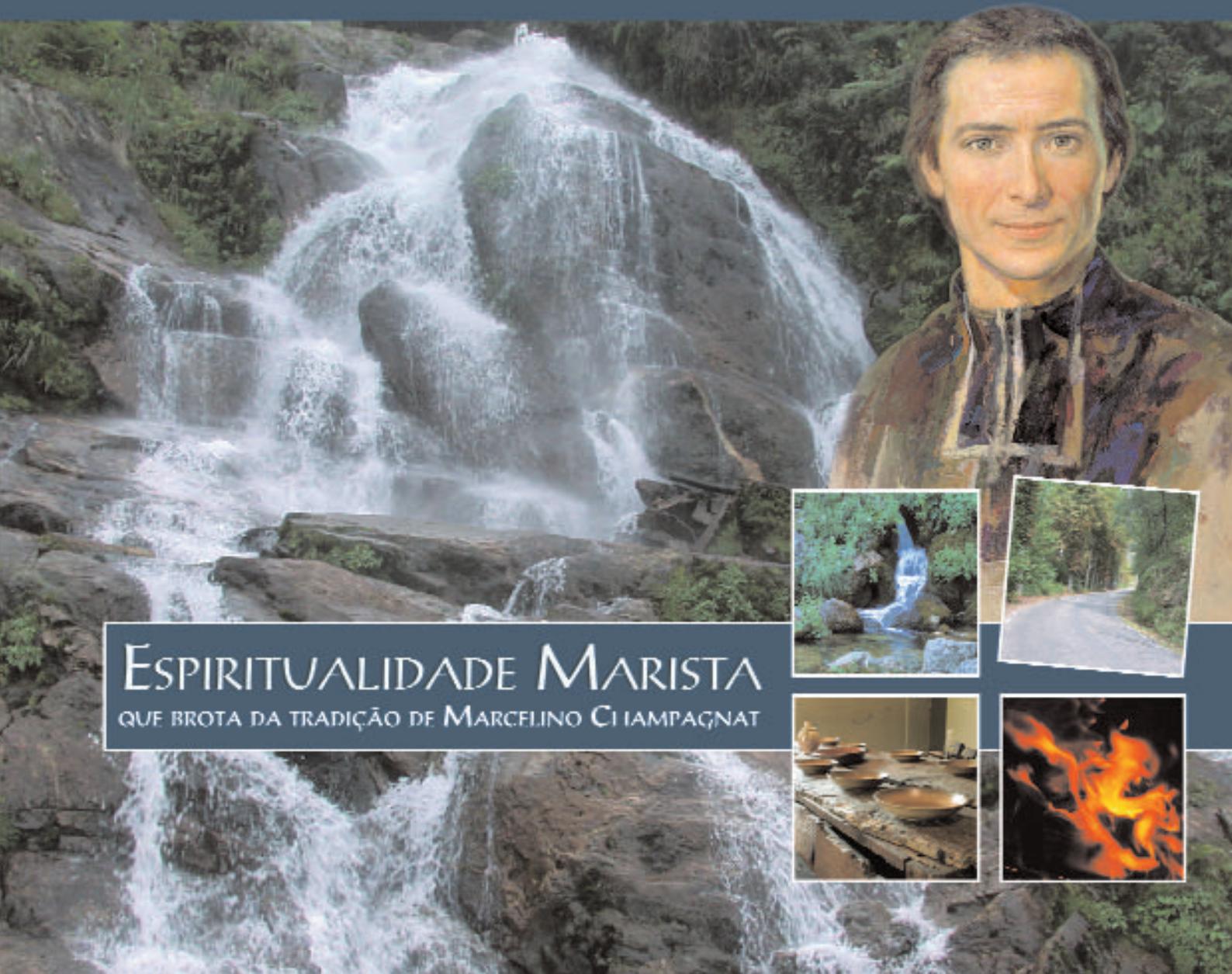
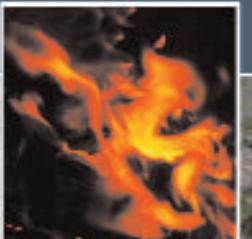
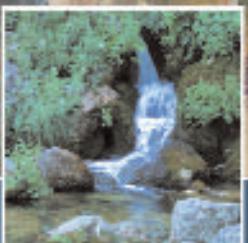


ÁGUA DA ROCHA



ESPIRITUALIDADE MARISTA

QUE BROTA DA TRADIÇÃO DE MARCELINO CHAMPAÑAT



ÁGUA DA ROCHA



Director:
Ir. A.M.Estaún

Comissão de Publicações:
Ir. Emili Turú, Ir. A.M.Estaún,
Ir. Onorino Rota e Luiz Da Rosa.

Original: Inglês

Redactores:
Inglês: Ir. Marie Kraus, SND
Português: Ir. Salatiel Amaral, FMS
Ir. Alfredo Caetano Damian, FMS

Tradutor:
Português: Ricardo Tescarolo

Grupo de comunicações:
Ir. Joadir Foresti, Ir. Jean Pierre Destombes,
Ir. Federico Carpintero e Ir. AMEstaún

Fotografias:
Ir. A.M.Estaún.
Arquivo Fotográfico do Instituto dos Irmãos Maristas.
Arquivo Fotográfico da "Fabbrica di San Pietro in Vaticano".

Diagrama e fotolitos:
TIPOCROM, s.r.l.
Via A. Meucci, 28 – 00012 Guidonia (Roma)

Redacção e Administração:
Piazzale Marcellino Champagnat, 2.
C.P. 10250 – 00144 ROMA
Tel. (39) 06 545 171
Fax (39) 06 54 517 217
E-mail: publica@fms.it
Web: www.champagnat.org

Edição:
Instituto dos Irmãos Maristas
Casa Generalícia – Roma

Impressão:
C.S.C. GRAFICA, s.r.l.
Via A. Meucci, 28 – 00012 Guidonia (Roma)

Junho, 2007

ÁGUA DA ROCHA

ESPIRITUALIDADE MARISTA

que brota da tradição de Marcelino Champagnat



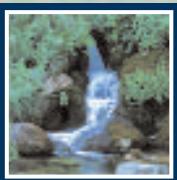
ÍNDICE



APRESENTAÇÃO 6



INTRODUÇÃO 12



1. SACIADOS NAS CORRENTES
DE ÁGUA VIVA 20



2. CAMINHAMOS
NA FÉ 38



3. COMO IRMÃOS
E IRMÃS 54



4. ANUNCIAMOS A BOA-NOVA
AOS POBRES 68



- SONHAMOS
NOVOS SONHOS 80

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO 88

NOTAS 90

GLOSSÁRIO 96



APRESENTAÇÃO



PREZADOS
IRMÃOS
E
MEMBROS
DA
FAMÍLIA
MARISTA...

APRESENTAÇÃO

6 de Junho de 2007

Festa de São Marcelino

Prezados Irmãos e membros da Família Marista:

Os primeiros seguidores de Marcelino Champagnat amavam-no como um irmão mais velho e como seu pai. Isso não causa estranheza, uma vez que o jovem sacerdote e os seus discípulos tinham muitas coisas em comum.

Em primeiro lugar, como o próprio fundador, João Maria Granjon, os irmãos Audras, João Baptista e João Cláudio, António Couturier, Bartolomeu Badard, Gabriel Rivat e João Baptista Furet eram modestos jovens camponeeses, vivendo do fruto do seu trabalho. Em segundo lugar, quase todos eram iletrados, inicialmente. O próprio fundador teve que lutar para superar as dificuldades académicas e, no seminário, passou por maus momentos, devido às lacunas nos seus estudos.

Mas, as raízes da lealdade e da dedicação dos jovens que Marcelino reuniu, em torno de si, eram muito mais profundas do que as semelhanças e a

experiência que tinham, em seus respectivos contextos. Porque o fundador era um homem enamorado de Deus e, com a sua ajuda, os primeiros Irmãos chegaram a sê-lo também. Eles, sob a sua orientação, foram progressivamente tomando consciência da presença de Deus e aprenderam a confiar na Providência.

Marcelino ensinou-lhes também a tomar Maria como modelo, sabendo que esse era um caminho seguro para centrarem as suas vidas no Senhor. Esforçaram-se, desse modo, por imitar as atitudes de Maria. Plenamente fiéis à visão apostólica do fundador, esses jovens fizeram sua a preocupação que o Fundador tinha pelos pobres de Deus e porfiavam em atendê-los.

Com o passar do tempo, o seu modo de viver o Evangelho converteu-se num reflexo do carácter e dos valores da pessoa que os inspirara. Anos mais tarde, muitos deles recordavam esse sacerdote, tão decidido e corajoso quanto entusiasta e prático, desejoso de concretizar as ideias e impregnado do espírito de humildade. Daqui brota a fonte da espiritualidade simples e desprestensiosa que ele tão generosamente partilhou com os seus Irmãos.

Essa espiritualidade nascia da própria experiência de Marcelino em sentir-se amado por Jesus e chamado por Maria. Com os outros pioneiros Maristas, ele estava convencido de que Ela inspirava a nova Sociedade a tornar-se uma forma renovada de ser Igreja. Em Fourvière, todos se comprometeram a converter esse sonho em realidade.

Recebemos a espiritualidade de Marcelino Champagnat e dos nossos primeiros Irmãos como uma preciosa herança (C, 49). Actualizada por cada geração, ela mantém a sua dimensão marial e apostólica. Cabe-nos encarná-la nas muitas culturas e situações em que o Instituto está presente, actualmente.



APRESENTAÇÃO

Os Irmãos que participaram no Capítulo de 2001 pediram ao novo Conselho Geral que elaborasse um manual para tornar a Espiritualidade Apostólica Marista de Marcelino Champagnat acessível a uma audiência mais ampla. Os capitulares estavam conscientes de que, desde o começo do Instituto, essa espiritualidade tem sido um atrativo, não apenas para os Irmãos de Marcelino, mas também para o laicado Marista. Constitui um privilégio para mim apresentar o documento intitulado *Água da Rocha: Espiritualidade Marista – que brota da tradição de Marcelino Champagnat*.

Este texto resulta do trabalho de muitas mãos e é fruto de muitas consultas. Sabemos que toda a espiritualidade genuína é viva e dinâmica, e, portanto, convém ter presente que o que foi escrito nestas páginas não representa a última palavra sobre o tema. Foi escrito, sim, para a nossa época e para este momento da história.

Numerosos são os que tiveram papel importante na elaboração do documento, mas houve um grupo particular, integrado por Irmãos, Leigos e outros membros Maristas de vários países, que conduziu este projecto do começo ao fim. Os meus agradecimentos a todos quantos tomaram parte neste trabalho, especialmente aos membros da Comissão Internacional: Irmão Benito Arbués, FMS, Irmão Bernard Beaudin, FMS, Irmão Nicholas Fernando, FMS, Irmã Vivienne Goldstein, SM, Irmão Maurice Goutagny, FMS, Irmão Lawrence Ndawala, FMS, Irmão Spiridion Ndanga, FMS, Irmão Graham Neist, FMS, Bernice Reintjens, Agnes Reyes, Vanderlei Soela, Irmão Miguel Ángel Santos, FMS, Irmão Luis García Sobrado, FMS, e, de maneira especial, o Irmão Peter Rodney, FMS, membro do Conselho Geral, que coordenou os trabalhos do grupo.

A Espiritualidade Marista é uma experiência viva e dinâmica de Deus, que se orienta, ao mesmo tempo, à contemplação e à acção. Transformados

pelo amor de Jesus e chamados por Maria, somos enviados em missão, para anunciar a Boa-Nova de Deus, às crianças e aos jovens marginalizados da sociedade.

Daqui nasce o título deste texto: *Água da Rocha*. Quem conhece a história de Marcelino sabe que ele construiu a casa de l'Hermitage com as suas próprias mãos, aproveitando a rocha que havia cortado. A água do *Gier*, riacho que percorre a propriedade de l'Hermitage, foi uma segunda fonte importante de vida para a comunidade nascente. Ao recolher essas duas imagens, o documento *Água da Rocha* confere à Espiritualidade Apostólica Marista de Marcelino o lugar central e merecido na vida de cada um de nós e de todos os que chegarem a conhecer e a amar o fundador, como os seus primeiros discípulos, há tantos anos. Desejo que a leitura destas páginas lhes possibilite o aprofundamento da experiência interior e pessoal e os ajude a crescer na fé.

Com todo o afecto,



Irmão Seán D. Sammon, FMS
Superior Geral





VIE
DE JOSÉPHIN MARQUIS
CHAMPAGNAT
1798-1860
PIETÉ
Membre de la Société des Petits Frères de Marie
UN DE SES PREMIERS DISCIPLES
(Jean-Jean Marquet)

BIOGRAPHIES

DE QUELQUES FRÈRES

QUI SE SONT DISTINGUÉS PAR LEURS VERTUS
ET L'AMOUR DE LEUR VOCATION



H. BILLET, Henri Billet

Henri Billet

ANNALES DE L'INSTITUT

DIVISEES EN NEUF ÉTAIRES

Rédition commencée en 1881

Chapitres de l'Institut des Petits Frères de Marie

AVIS, LEÇONS, SENTENCES ET INSTRUCTIONS

PAR
VÉNÉRABLE PÈRE CHAMPAGNAT

PRÉPARÉES ET RÉVISÉES
UN DE SES PREMIERS DISCIPLES

TOULOUSE - MAISON

MANUEL DE PIÉTÉ.

PREMIÈRE PARTIE,
PRINCIPES DE LA PERFECTION CHRÉTIENNE
ET RELIGIEUSE

CHAPITRE I.





INTRODUÇÃO

*Espiritualidade
Marista.*

*Marcos
do desenvolvimento
da nossa espiritualidade.*

*Como ler
este documento.*

O nosso mandato

No ano de 2001, o 20º Capítulo Geral do Instituto dos Irmãos Maristas recomendou que fosse elaborado um texto que contribuísse para a reflexão sobre a nossa espiritualidade, nos moldes do documento *Missão Educativa Marista*, publicado em 1998¹. O Conselho Geral entendeu que o documento aprofundaria o nosso conhecimento e a nossa vivência da Espiritualidade Marista, bem como a nossa estima por ela. O texto não pretende ser a palavra definitiva sobre a nossa espiritualidade, mas o seu sentido para nós, hoje. É, pois, essencial que o documento narre a história da nossa busca de Deus, como ela nasceu, criou raízes e floresceu. Ele propõe-se revelar a riqueza da nossa espiritualidade como dom oferecido à Igreja e ao mundo, além de promover o crescimento da nossa vida de fé, tanto a nível pessoal como a nível das diferentes comunidades em que estamos inseridos. O documento visa ainda aju-

dar a desenvolver uma espiritualidade apostólica e marial no nosso trabalho apostólico.

Espiritualidade Marista

Ao longo da existência, a nossa realidade espiritual interage dinamicamente com a nossa experiência vital. Por um lado, o que nós chamamos *espiritualidade* forma-se na medida em que nela integramos a nossa vivência quotidiana. Por outro lado, esta espiritualidade constrói o modo como compreendemos o mundo, as pessoas e Deus, e como nos relacionamos com eles.

Quando mencionamos a espiritualidade cristã, referimo-nos ao fogo inextinguível que arde em nós e nos torna apaixonados pela construção do Reino de Deus². Ela representa a força propulsora das nossas vidas ao permitirmos que o Espírito de Cristo nos conduza. Todo o cristão que vive assim cresce em santidade³.



Vivemos a espiritualidade cristã de um modo marial e apostólico próprios⁴. É uma espiritualidade encarnada, inspirada em Marcelino Champagnat⁵. Foi desenvolvida pelos primeiros Irmãos, que no-la entregaram como herança preciosa⁶.

Embora partilhemos as mesmas raízes que encontramos em outros modos de vida Maristas*, nós identificamo-nos por uma espiritualidade peculiar. Ela é continuamente renovada pela acção do Espírito e, ao acolhê-la com os nossos esforços pessoais e comunitários, somos capazes de a encarnar em situações de mudança e em diferentes culturas⁷. Esta espiritualidade fortalece a nossa união e constitui-se em elemento crucial para a vitalidade da nossa vida e missão⁸. Portanto, quando empregamos o termo “Marista,” neste documento, referimo-nos exclusivamente às pessoas cuja espiritualidade se identifica com a tradição de Marcelino.

Marcos do desenvolvimento da nossa espiritualidade

Marcelino recebeu a graça de um relacionamento profundo com Jesus e Maria. A nossa espiritualidade teve início neste dom, nesta graça. Começando com a intuição original instilada nele pelo Espírito e influenciado por sua própria personalidade e pelos acontecimentos da sua vida, ele e a primeira comunidade de Irmãos desenvolveram um carisma*. Em virtude da sua fidelidade criativa, este carisma começou a exprimir-se como espiritualidade.

Quando Marcelino morreu, em 1840, esta espiritualidade já estava bem desenvolvida, embora não sistematizada. Tempos depois, os seus discípulos começaram a elaborar alguns textos com o intuito de apresentá-la,



INTRODUÇÃO

sendo os mais significativos: *A vida de Marcelino Champagnat* (1856), *Biographies de quelques Frères* (1868), *Avis, Leçons, Sentences et Instructions* (1868), e *Annales de l'Institut* (iniciados em 1884 pelo Irmão Avit).

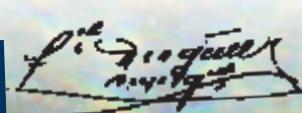
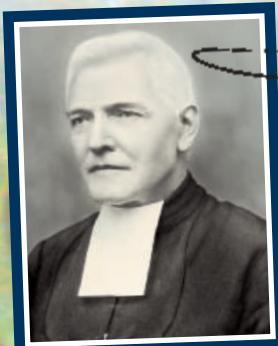
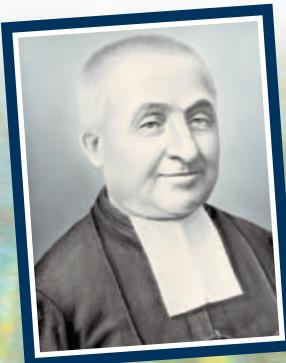
Ao propormos uma visão contemporânea da espiritualidade Marista, seguimos o exemplo das gerações que nos precederam. O *Manuel de Piété* (1855) foi o primeiro texto a consolidar uma compreensão da espiritualidade de Marcelino e da primeira geração de Irmãos. O *Manual* apresentava, em especial, o seu modo de se relacionar com Jesus e Maria. Ilustrava esta espiritualidade com exemplos práticos, insistindo nas virtudes consideradas características de um Irmão Marista e necessárias para a “perfeição”. Naturalmente, este trabalho reflectia o clima de certo modo austero daqueles tempos.

Os Superiores Gerais e os Capítulos Gerais que se seguiram conti-

nuaram a reflectir sobre a melhor maneira de viver estas virtudes em circunstâncias tão instáveis como, por exemplo, os tempos da secularização de 1903, das duas guerras mundiais e de várias revoluções e perseguições. Os sinais dos tempos impõem uma renovação da reflexão sobre a nossa espiritualidade para que continue a ser um guia para nós, para a nossa vida e para a nossa missão.

Durante o século XIX e a primeira metade do século XX, prevalecia em toda a Igreja uma visão ascética de espiritualidade, inclusive no nosso Instituto. Tal concepção dava pouca ênfase às dimensões vivenciais e místicas da espiritualidade.

O Vaticano II* encorajou-nos a colocar estes elementos no centro da nossa espiritualidade. O chamamento universal à santidade foi um convite para que os religiosos e os leigos participassem no mistério



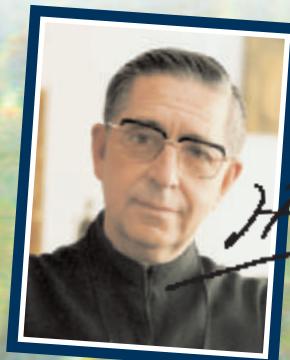
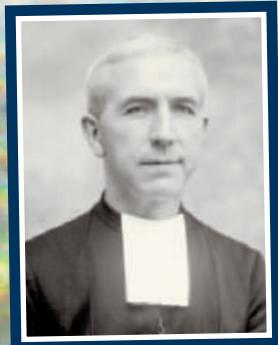
de Deus e da Igreja. Com isto, a palavra “mística”* recuperou o sentido original de um relacionamento habitual com Deus. O presente documento procura conscientemente incorporar e destacar a dimensão mística da nossa espiritualidade. O Concílio também solicitou aos Institutos Religiosos que promovessesem a sua renovação à luz do carisma fundacional, prestando uma atenção especial ao estudo sistemático do património e da herança espiritual de cada Instituto.

Após o *Manuel de Piété* (1855), foi publicado o texto *Oração–Apostolado–Comunidade*, fruto do 17º Capítulo Geral (1976), que sintetizou a nossa maneira de ver e compreender a espiritualidade. Este documento destacou a integração das diferentes dimensões da nossa vida. O Ir. Basílio Rueda, então Superior Geral (1967-1985), mediante uma produção escrita abrangente e profunda, enriqueceu a nossa espiritualidade ao renovar a expressão dos seus elementos caris-

máticos à luz das correntes teológicas e espirituais nascidas do Vaticano II. Ao rever as Constituições, o 18º Capítulo Geral (1985) descreveu a nossa espiritualidade como marial e apostólica⁹. Desde então, os Superiores Gerais, bem como o 19º (1993) e o 20º Capítulos Gerais (2001), continuaram a desenvolver o sentido e as implicações desta espiritualidade marial e apostólica¹⁰.

Como ler este documento

A novidade deste texto é o facto de se dirigir tanto a Irmãos como a Leigos Maristas. Ele reflecte a convicção de que os dois grupos partilham um carisma que nasceu com Marcelino. Eles nutrem-se da mesma espiritualidade, embora em diferentes circunstâncias de vida.



INTRODUÇÃO

Escrever para os dois grupos representou um desafio ao utilizar uma linguagem e imagens que tivessem sentido para ambos. Por isso, consideramos importante servirnos dos conceitos familiares presentes na herança e na tradição espiritual Marista. Por exemplo, empregamos palavras como “fraternidade” e “comunidade” com amplo significado. Ao dizermos “comunidade”, temos em mente todas as comunidades em que se exprime a herança e a tradição espiritual marista: famílias, comunidades religiosas, diferentes formas de comunidades educativas, paróquias, etc. Não restringimos esse termo apenas aos Irmãos. As expressões “irmão” e “fraternidade” representam símbolos poderosos de um tipo especial de relacionamento. São geralmente usados não apenas para se referir a Irmãos professos, mas também assumem um sentido mais inclusivo, procurando descrever um tipo de relacionamento próprio de todos os Maristas. Os conceitos seguidos de um asterisco

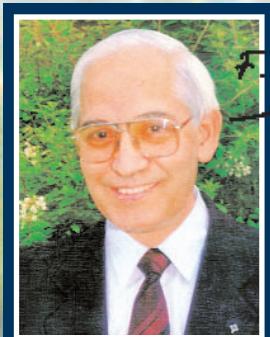
(*) aparecem num Glossário no final do documento para que o leitor possa conhecer melhor o seu sentido.

Este documento tem cinco partes. A primeira apresenta os elementos que identificam a Espiritualidade Apostólica Marista, cuja origem se encontra na experiência e no espírito de Marcelino e da nossa comunidade fundadora. Utilizando a imagem de uma peregrinação ou caminhada para descrever o desenvolvimento espiritual, as partes seguintes apresentam o modo como a nossa espiritualidade pode ser vivida: a procura de Deus e do sentido das nossas vidas (parte 2), os nossos relacionamentos (parte 3) e a nossa vida apostólica (parte 4). Cada parte descreve como cada uma destas dimensões essenciais pode enriquecer e desenvolver a nossa vida espiritual. A parte final dirige o nosso olhar para um futuro carregado de esperança, inspirado pelo *Magnificat* de Maria¹¹. A esperança permite enfrentar os desafios



18

Charles Howard



Séni

contemporâneos com a coragem dos santos Maristas que nos precederam. Empreendemos a caminhada com a convicção de nos constituirmos herdeiros de uma tradição espiritual de valor.

Para nós, membros da Comissão, traduzir a nossa herança em palavras foi uma caminhada espiritual cumulada de bênçãos. Passámos muitas horas juntos a discutir, com outros Maristas, os elementos essenciais da nossa espiritualidade, as fontes que a nutrem e as formas como integra as dimensões centrais das nossas vidas. Aprendemos uns com os outros, através de uma reflexão sustentada pela oração, de uma partilha cheia de entusiasmo e de uma respeitosa atenção.

O documento não pretende ser tanto um texto para ser lido, pretende, antes, ser um companheiro ao longo da nossa caminhada espiritual. Devemos reflectir sobre ele e trabalhar com ele não porque represente uma

proposta definitiva sobre a nossa espiritualidade, mas, principalmente, por constituir uma referência para o seu desenvolvimento. Convidamo-lo a rezar com este texto. Que ele nos ajude a chegar a Deus, a cultivar os nossos relacionamentos e a realizar a nossa missão de acordo com a maneira marista de ser.

Acreditamos que a reflexão orante com outros Maristas é o modo mais eficaz de abordar o texto, considerando as bênçãos que nos foram dadas durante o nosso trabalho.

Esperamos que o documento contribua para enriquecer a oração, provoque a reflexão e inspire a acção. Que ele, de facto, abra à nossa frente o caminho que nos conduza às Fontes de Água Viva.

*Comissão Internacional
de Espiritualidade Apostólica Marista,
Roma, 2007.*



1.

SACIADOS
DE



NAS CORRENTES ÁGUA VIVA



*Se alguém tem sede,
venha a mim e beba.*

*Hão-de jorrar rios
de água viva
do coração de quem
crê em mim.*

*Tornamo-nos
rios de água viva.*

Se alguém tem sede, venha a mim e beba¹²

1

- 1.** A história da nossa espiritualidade é de paixão e compaixão, paixão por Deus e compaixão pelas pessoas.
- 2.** As nossas origens formaram-se no acolhedor relacionamento de um jovem sacerdote com um grupo de jovens que viveram numa época de grande instabilidade social. O sacerdote era Marcelino Champagnat* e os jovens eram Jean-Marie Granjon, Jean-Baptiste Audras, Jean-Claude Audras, Antoine Couturier, Barthélemy Badard, Gabriel Rivat e Jean-Baptiste Furet. Eles constituíram a nossa comunidade fundadora em La Valla*.
- 3.** Homens simples e sem educação formal, viviam com grande simplicidade e união. O seu tempo era dedicado a aprender a ler, a escrever e a ensinar, bem como ao trabalho manual, que os sustentava economicamente. Viviam com o povo, partilhando a sua realidade.
- 4.** Com o povo, sentiam a presença de Deus de modo cada vez mais profundo e aprendiam a confiar na Providência Divina. Juntos, apaixonaram-se por Jesus e quiseram segui-Lo como Maria O seguiu. Desenvolveram o amor por Maria como recurso para centrar os seus corações em Jesus. Competiam entre si no empenho em ajudar as pessoas em necessidade.
- 5.** Como Maria, partindo apressadamente em direcção a uma cidade na região montanhosa¹³, todas as semanas dirigiam-se às aldeias nos arredores da cidade para tornar Jesus conhecido e amado. Prestavam uma atenção especial às crianças pobres e acolhiam-nas em sua casa.¹⁴

6. O modo como viviam o Evangelho reflectia o carácter, os valores e a espiritualidade do seu líder, Marcelino Champagnat. A sua espiritualidade era fortemente influenciada por sua própria personalidade. Os seus primeiros discípulos recordavam com afecto o Marcelino que tinham conhecido: aberto, franco, resoluto, corajoso, entusiasta, determinado e justo.¹⁵ A sua vida era a expressão de uma pessoa com senso prático, humilde e dinâmico. Isto permitiu que, valendo-se de uma diversidade de fontes, desenvolvesse uma espiritualidade simples e prática.¹⁶

7. Uma das principais influências na formação da espiritualidade de Marcelino foi a experiência pessoal de sentir-se profundamente amado por Jesus e especialmente atendido por Maria. Um incidente, ocorrido em 1823 (o “Lembrai-vos na Neve”), foi muito significativo para Marcelino e os seus Irmãos. Marcelino e Estanislau perderam-se no meio de uma terrível tempestade de neve. Com o seu companheiro de viagem desfalecido a seus pés, Marcelino murmurou: *Se Maria não vier em nosso auxílio, estaremos perdidos.*¹⁷ Então, colocando as suas vidas nas mãos de

Deus, rezou o *Lembrai-vos*. A sua invocação a Maria obteve uma resposta milagrosa. Marcelino e os seus primeiros Irmãos descobriram neste acontecimento uma profunda realidade: a prova de que partilhavam o mesmo projecto que Deus confiara a Maria.

8. Marcelino estava também consciente do amor de Jesus e de Maria pelos outros. Isto deu-lhe forças para se tornar um apóstolo apaixonado. Por isso, dedi-



1



cou a sua vida a partilhar este amor. No encontro de Marcelino com o jovem agonizante Jean-Baptiste Montagne,* constatamos como Marcelino ficou perturbado ao encontrar um menino agonizante sem conhecer o amor de Deus por ele.

9. Este acontecimento teve, para Marcelino, o sentido de um chamamento de Deus. Um profundo sentimento de compaixão tomou imediatamente conta dele, impulsionando-o à realização do seu projecto fundacional, sem mais hesitação: *Precisamos de Irmãos!*¹⁸. O projecto de oferecer uma resposta às necessidades da juventude pela acção apostólica de um grupo de evangelizadores confirmou-se então. Este grupo levaria a Boa-Nova de Jesus até às pessoas que viviam à margem da Igreja e da sociedade. Marcelino tinha sido ordenado sacerdote apenas havia quatro meses.

10. Marcelino respondeu com entusiasmo e de modo práctico às necessidades que observava à sua volta. Esta atitude nasceu do *Projecto**, colocado sob a protecção de Maria em Fourvière^{*19} e partilhado também pelos pioneiros da Sociedade de Maria, que, juntos, tinham sonhado um modo renovado de ser Igreja. Com Jean-Claude Colin*, Jeanne-Marie Chavoin* e outros fundadores Maristas*, Marcelino partilhava a convicção de que Maria os convocara para encontrarem respostas para as necessidades da França pós-revolucionária.

- 11.** Estes primeiros Maristas tiveram consciência de que o *Projecto** era parte da missão de Maria de dar Cristo à luz e estar com a Igreja em seu nascimento. Era um trabalho que incluía todas as dioceses do mundo e se estruturaria como uma árvore com diversas ramificações, congregando leigos, sacerdotes, religiosas e religiosos numa nova maneira de ser Igreja.
- 12.** A espiritualidade Marista, nascida com Marcelino e a sua comunidade fundadora, enriqueceu-se ao longo de sucessivas gerações de seguidores de Champagnat, para se tornar, hoje, uma fonte de água viva para o mundo. As futuras gerações contribuirão ainda mais para o desenvolvimento desta espiritualidade. Com Marcelino, sabemos que Maria continuará a orientar e a enriquecer a nossa identidade Marista.²⁰
- 13.** Cremos que o carisma* de Marcelino é uma graça confiada à Igreja e ao mundo. Somos convidados a viver e a desenvolver esta graça. Isto acontecerá na medida em que aprofundarmos a nossa participação neste carisma. A espi-



ritualidade Marista descreve e expressa este carisma*, encarnado nos diversos tempos e lugares da história. Como acontece com todos os carismas autênticos, ele é um dom do Espírito Santo do qual somos responsáveis. Orienta-se para a construção e a unificação da Igreja como Corpo Místico de Cristo.

14. Ao vivermos a nossa espiritualidade, a nossa sede é saciada. Ao mesmo tempo, tornamo-nos “água viva” para os outros.

Hão-de jorrar rios de água viva do coração de quem crê em mim²¹

1

15. Inspiramo-nos na visão e na vida de Marcelino e dos seus primeiros discípulos, na caminhada que nos conduz a Deus. Ao partilharmos esta peregrinação com tantas pessoas, tomamos consciência do nosso estilo de vida. Recebemos a graça de partilhar a experiência de ser, com Maria, amados profundamente por Jesus. Daí surgem as características peculiares da nossa maneira de seguir Champagnat.

❖ A presença e o amor de Deus

16. Nós, seguidores de Marcelino e de seus primeiros discípulos, estamos impregnados do mesmo dinamismo interior. Desenvolvemos um modo de ser e de actuar movi-

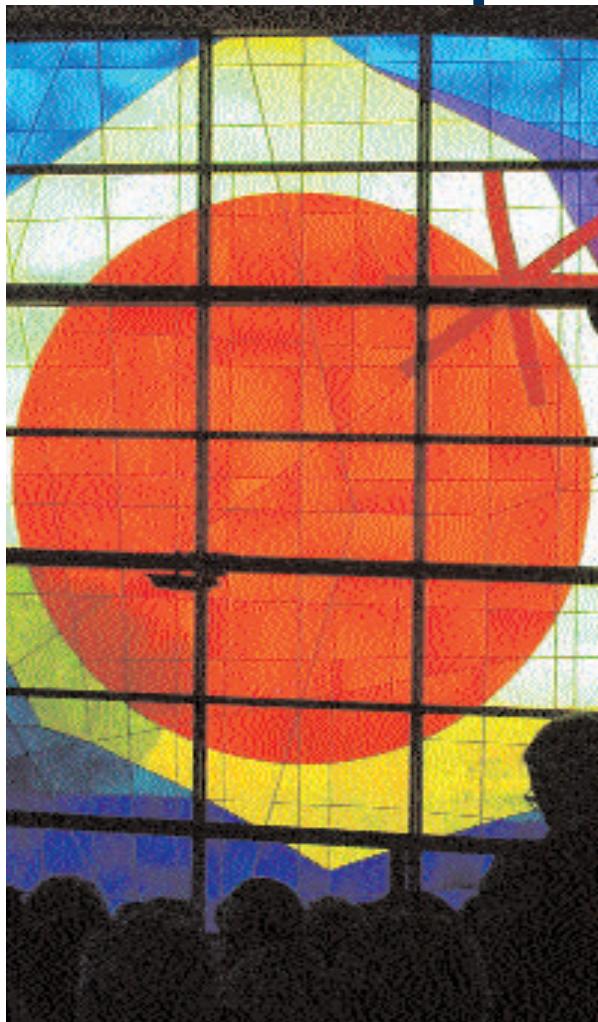


dos pelo mesmo espírito original. Vamos, dia após dia, aprofundando o exercício da presença amorosa de Deus em nós mesmos e nos outros. Esta presença de Deus manifesta-se no sentimento profundo de sermos pessoalmente amados por Deus e na convicção de que Ele nos acompanha bem de perto na nossa experiência humana.

❖ Confiança em Deus

17. A relação de Marcelino com Deus, combinada com a consciência das suas limitações, explica a sua inabalável confiança em Deus. A profundidade desta confiança impressionava aqueles que com ele trabalhavam e escandalizava os que julgavam imprudentes as acções que ele empreendia. Sentia, na sua humildade, a presença viva de Deus, o que lhe dava coragem e confiança. *Não ofendamos a Deus pedindo-lhe pouco. Quanto maior for o nosso pedido, mais contente Ele ficará*²². Algumas invocações frequentes de Marcelino — *Se Deus não construir a casa...*²³ e *Sabeis, Senhor!*²⁴ — eram expressões espontâneas da sua ilimitada confiança em Deus.

18. Devemos empenhar-nos em desenvolver a nossa relação com Deus de tal modo que se torne para nós fonte diária de renovado dinamismo espiritual e apostólico, como o foi para Marcelino. Esta vitalidade tornar-nos-á ousados, apesar das nossas limitações. Inspirados na experiência de Marcelino, assumimos os mistérios da nossa vida com confiança, abertura e generosidade.





❖ O amor de Jesus e seu Evangelho

1

19. Marcelino ensinava aos primeiros Irmãos: *Tornar Jesus conhecido e amado: eis o sentido da nossa vocação e a finalidade do nosso Instituto. Se falharmos neste propósito, o nosso Instituto será inútil.*²⁵ Com estas palavras, Marcelino expressou com clareza a sua convicção, que deve ser a convicção permanente e crescente de todos os Maristas hoje: a centralidade de Jesus em nossa vida e em nossa missão.²⁶

20. Para nós, Jesus é o rosto humano de Deus.²⁷ Encontramo-L0 de modo especial nos três lugares Maristas onde Jesus nos revela Deus.²⁸

21. *No Presépio, encontramos a inocência, a simplicidade, a ternura e, mesmo, a fragilidade de um Deus que toca os corações mais insensíveis. [...] Não há lugar para o medo de um Deus que se tornou criança.*²⁹ Relacionamo-nos com Deus, que montou a sua tenda entre nós e a quem podemos chamar “irmão”.

22. Aos pés da Cruz, surpreendemo-nos com um Deus que nos amou sem reservas. Encontramo-nos com um Deus que partilha o sofrimento físico e psicológico, a traição, o abandono e a violência que afligem a humanidade, mas que transforma estas experiências. Com isto, penetramos no mistério do sofrimento que redime e aprendemos a humilde fidelidade do amor.³⁰ Cristo crucificado é a expressão mais radical de um Deus que é Amor.

23. O Altar, com a Eucaristia, é o lugar privilegiado de comunhão com o Corpo de Cristo: para ser um com todos e aprofundar a nossa relação, com a presença viva de Jesus em nós. A celebração da Eucaristia e a oração na presença do Santíssimo Sacramento eram, para Marcelino, exercícios intensivos no empenho de viver na presença de Deus³¹, assim como o são para os Maristas de hoje. Fonte e ponto mais alto da vida cristã, a Eucaristia conduz-nos ao coração da espiritualidade Marista.

24. Estes lugares Maristas privilegiados, além de instâncias de encontro com o amor de Jesus, constituem também lugares de encontro com os pobres.³² No Presépio, sensibilizamo-nos com a situação de pobreza e fragilidade das crianças e dos jovens, principalmente os menos favorecidos. Na Cruz, associamo-nos às pessoas atingidas pelo fracasso e pelo sofrimento e àquelas que lutam contra a fome, em favor da justiça e da paz. No Altar, entramos em

comunhão com o amor de Jesus que nos conduz a uma relação profunda com os pobres. Os nossos corações dirigem-se a eles que se convertem então em nossos irmãos e irmãs, verdadeiramente nossos amigos.



❖ À maneira de Maria

25. A relação de Marcelino com Maria, a quem ele se referia como a “Boa Mãe”*, foi marcada por uma profunda afeição e total confiança, pois estava plenamente convencido de que o projecto que empreendera era, na verdade, obra dela. Escreveu certa vez: *Sem Maria somos nada, mas com Maria temos tudo, porque Maria sempre tem o seu adorável Filho em seus braços e em seu coração.*³³ Esta convicção permaneceu com ele ao longo da sua vida. Jesus e Maria eram o tesouro no qual Marcelino aprendera a depositar o seu próprio coração. Esta relação íntima contribuiu para desenvolver a dimensão da nossa espiritualidade. Em nossa tradição, a expressão “Recurso Habitual”* traduz a nossa plena confiança em Maria. O lema *Tudo a Jesus por Maria – tudo a Maria para Jesus*, atribuído a Champagnat pelos seus biógrafos, demonstra esta íntima relação entre o filho e sua mãe, numa atitude de confiança do fundador em Maria, que estamos convidados a viver.

26. *Participamos da maternidade espiritual de Maria*³⁴ ao assumirmos a nossa responsabilidade em levar os valores cristãos às pessoas com quem partilhamos as nossas vidas. Contribuímos para o desenvolvimento da comunidade eclesial, cuja comunhão fortalecemos pela oração fervorosa e pelo serviço generoso ao próximo.

27. *Maria inspira as nossas atitudes para com os jovens.*³⁵ Ao contemplá-la nas Escrituras, impregnamo-nos do seu espírito. Vamos sem hesitação ao encontro dos jo-

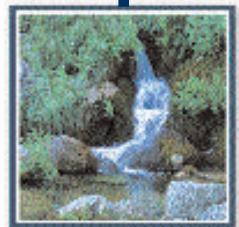


vens lá aonde se encontram, anunciando-lhes a justiça e a misericordiosa fidelidade de Deus.³⁶ Relacionandonos de um modo marial com os jovens, tornamo-nos o rosto de Maria para eles.

28. Desde o tempo de Marcelino, os seus discípulos empenharam-se em tornar Maria conhecida e amada. Hoje, continuamos convencidos de que seguir Jesus como Maria O seguiu é um modo privilegiado de viver em plenitude o nosso cristianismo. Com o coração compassivo, partilhamos esta experiência e convicção com as crianças e os jovens e ajudamo-los a descobrir o rosto materno da Igreja.



29. Desde o tempo de Marcelino, a Igreja foi aprofundando a sua compreensão do papel de Maria como Primeira Discípula. Os Maristas desenvolvem uma relação cada vez mais importante com Maria, como a sua “Irmã na Fé”, uma mulher que se perturbou e ficou confusa diante de Deus, desafiada a confiar e a aceitar sem conhecer todas as respostas e cuja vida de fé se fez com o pó da estrada em seus pés.³⁷



❖ Espírito de família

30. Marcelino e os primeiros Irmãos viviam em perfeita união. O seu relacionamento era marcado por um grande afecto e compreensão. Em suas conversas sobre o modo de viver como irmãos, achavam que era significativo comparar o espírito de vida da sua comunidade com o de uma verdadeira família. Como estas nossas primeiras comunidades, espelhamo-nos na família de Na-



1

zaré para desenvolver as atitudes que tornam realidade o espírito de família: *amor e perdão, entreajuda e apoio, esquecimento de si, abertura aos outros e alegria.*³⁸ Este tipo de relacionamento tornou-se a característica do nosso modo de ser Marista.

31. O espírito de família desenvolveu uma espiritualidade fortemente relacional e afectiva. O modo preferido de Marcelino se referir a Deus e a Maria era fazendo analogias a vínculos familiares: o “Sagrado Coração” de Jesus, a “Nossa Boa Mãe”. Marcelino encorajava, entre os Irmãos e entre os Irmãos e os seus educandos, um relacionamento que se inspirava no relacionamento amoroso que deve existir entre pais e filhos no seio da família. Hoje, com a crescente presença feminina entre os Maristas, a imagem da irmã e da mãe enriquece o modo Marista de se relacionar com os outros, modo que define o nosso apostolado. Para um Marista, relacionar-se com os outros é essencialmente ser irmã e irmão deles.

32. Onde quer que os seguidores de Champagnat se encontrem a trabalhar, unidos pela missão, é possível reconhecer o “espírito de família” como a maneira Marista de viver em comunidade. A sua fonte é o amor que o Senhor Je-

sus dedica a todos os seus irmãos e irmãs — a toda a humanidade, enfim. Com este espírito, oferecemos uma experiência de pertença e de união na missão.

❖ Uma espiritualidade da simplicidade

33. A humildade, herança de Marcelino e dos primeiros Irmãos, está no coração da nossa espiritualidade. Ela manifesta-se na simplicidade de atitudes, especialmente no modo como nos relacionamos com Deus e com os outros. Esforçamo-nos por ser pessoas íntegras, autênticas, abertas e transparentes no nosso relacionamento.

34. Esta atitude espelha-se na experiência de Marcelino e dos seus primeiros Irmãos. O clima formativo que Marcelino desenvolveu inspirava-se na atmosfera de amor existente numa família de uma pequena localidade do interior. De sua mãe, Marie-Thérèse Chirat*, aprendeu a confiar na Providência Divina e de sua tia, Louise Champagnat*, a entregar-se com confiança filial nas mãos de Deus. Com seu pai, Jean-Baptiste Champagnat*, aprendeu a sinceridade e a honestidade. Com as alegrias e os desafios da vida aprendeu a ser humilde, a ser confiante. Consciente de suas próprias limitações, viveu todas as experiências como graça de Deus, pronto a acolher com total confiança a Sua vontade. A primeira geração de Irmãos era formada por jovens da mesma origem de Marcelino. Todas estas circunstâncias providenciais contribuíram para que ele desenvolvesse uma espiritualidade prática e sem complicações.³⁹





- 35.** Os jovens são atraídos pela espiritualidade da simplicidade. Nesta espiritualidade, as imagens que lhes oferecemos de Deus, bem como a linguagem, os exemplos e os simbolismos que empregamos, são tocantes e acessíveis. Quanto mais a nossa evangelização e a nossa catequese forem inspiradas pela nossa espiritualidade Marista, mais eficazes serão.
- 36.** Esta espiritualidade da simplicidade impregna a vida dos discípulos de Marcelino. Procuramos conhecer as nossas virtudes e fraquezas e humildemente aceitamos a ajuda. Vivemos cada dia mais em paz com a pessoa que Deus criou em nós.
- 37.** Aceitamos as pessoas como elas são e aproximamo-nos delas com sinceridade e generosidade, procurando sempre saber como se sentem connosco. Oferecemos com boa vontade o nosso perdão incondicional e tomamos sempre a iniciativa da reconciliação.⁴⁰
- 38.** O mesmo espírito encoraja-nos a assumir um modo simples de viver. Isto implica evitarmos o consumismo, o acumular de bens materiais e o desperdício. Sentimo-nos responsáveis pela criação, dom precioso de Deus para a humanidade. Esta atitude encoraja-nos a partilharmos as acções urgentes que algumas pessoas empreendem em favor da preservação do meio ambiente, intensificando a harmonia entre a humanida-

de e a natureza e colaborando com o Criador para a plena realização da criação.

39. O nosso desejo de estar em comunhão com a natureza manifesta-se de diversas maneiras. A tradição Marista valoriza de um modo especial o trabalho manual, pois ele nos coloca em *contacto directo com a criação, com os outros seres vivos e com todas as coisas. Ele impõe-nos [...] o cuidado na preservação e na transformação da natureza. E ensina-nos [...] a sermos pacientes e organizados.*⁴¹ Este tipo de acção destaca o valor do trabalho manual e o exemplo dos povos indígenas que vivem em respeitosa e harmoniosa convivência com a Terra.



40. Este amor ao trabalho manual revela uma atitude própria do coração do Marista e reflecte valores como a frugalidade, o serviço, a disponibilidade e a dedicação. Enfim, um estilo simples de vida. Este modo de viver vem da tradição Marista de garantir o próprio sustento. A opção por uma vida de simplicidade contribui para tornar o nosso apostolado com os pobres mais autêntico e efectivo.

1



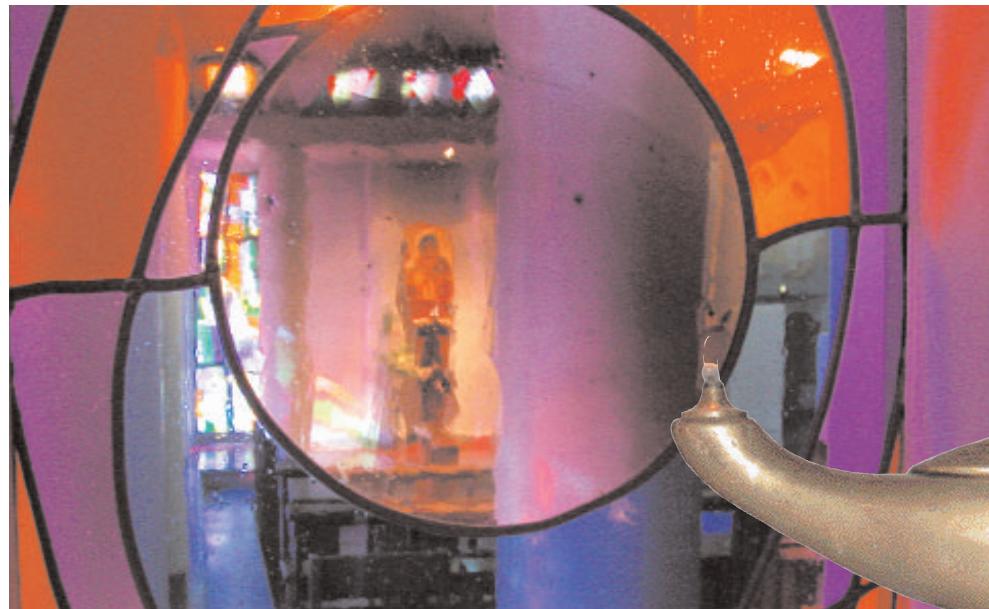
41. Tudo isto dá-nos a certeza de que devemos trilhar o caminho da simplicidade, como o fez Marcelino. Dirigimo-nos a Deus com transparência, honestidade, abertura e confiança. Conscientemente, procuramos formas simples que nos ajudem neste empreendimento.

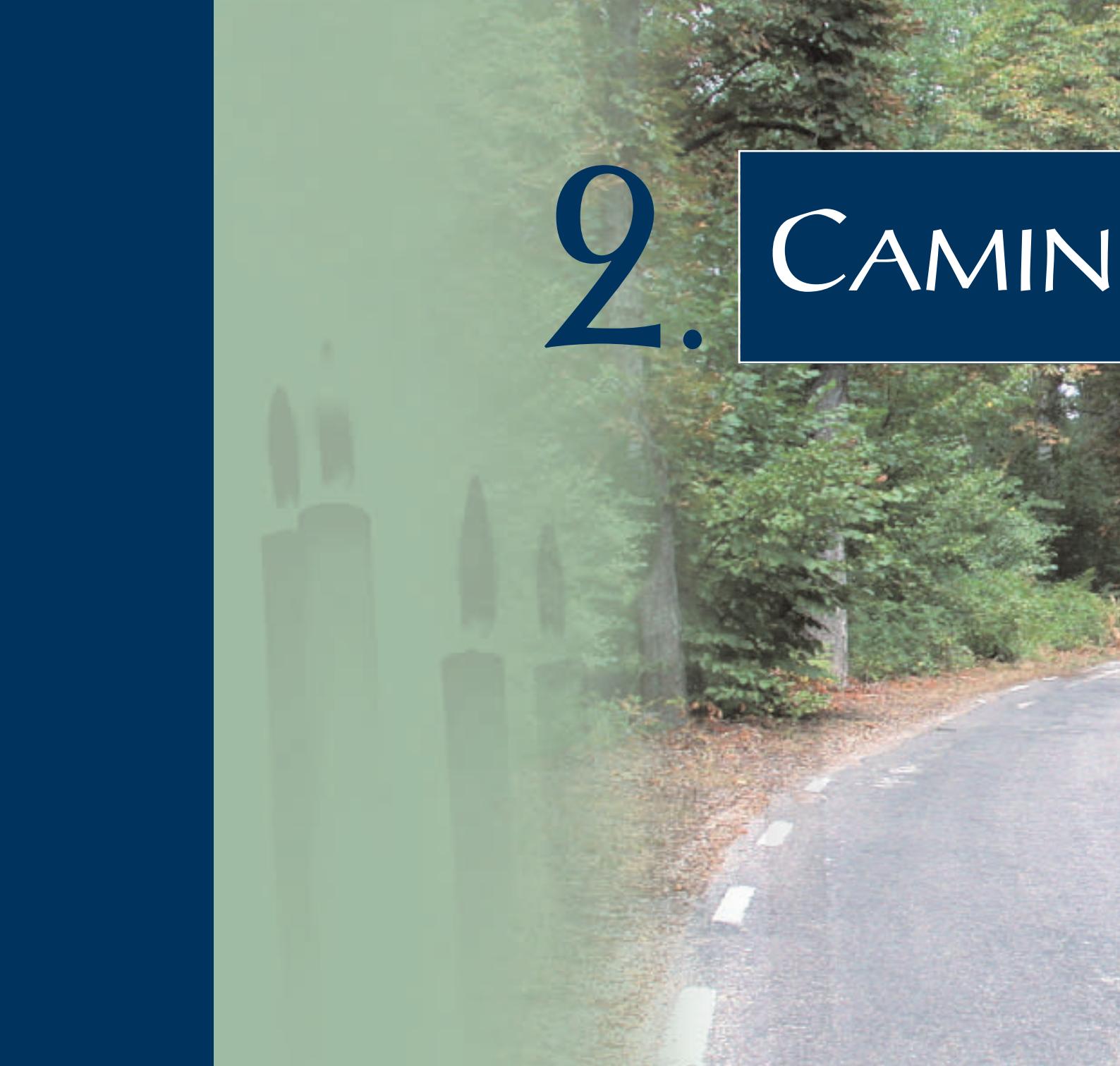
Tornamo-nos rios de água viva⁴²

42. A época actual caracteriza-se pela sede de espiritualidade. Nós, discípulos de Marcelino, cremos que a nossa espiritualidade é uma graça de Deus a ser partilhada com a Igreja e com o mundo. Se conseguirmos ser teste-

munhas da vitalidade desta espiritualidade em nosso dia-a-dia, as pessoas — especialmente os jovens e as crianças — sentir-se-ão igualmente atraídas e convidadas a participar dela, aceitando-a também como um modo próprio de se tornar “água viva”.

43. A história da nossa espiritualidade é, em verdade, muito simples. É a história de mulheres e homens que sentiram uma sede que só Deus é capaz de saciar. E tendo bebido com sofreguidão, sentem-se impregnados com o próprio desejo de Jesus de oferecer a sua vida à Boa-Nova de Deus. Tocados, assim, pelo Espírito e movidos pelo próprio anseio de Deus de trazer vida ao mundo, tornamo-nos rios de água viva, que jorram das dimensões pessoais, comunitárias e apostólicas da nossa existência. ♦♦♦





2.

CAMIN

HAMOS NA FÉ



*O anjo do Senhor
anunciou a Maria.*

*Ave, cheia de graça,
o Senhor é contigo.*

*Não temas, Maria,
pois achaste graça
diante de Deus.*

*Virá sobre ti
o Espírito Santo.*

*Bem-aventurados
os que crêem.*

*Eis aqui a serva do Senhor.
Faça-se em mim
segundo a Tua palavra.*

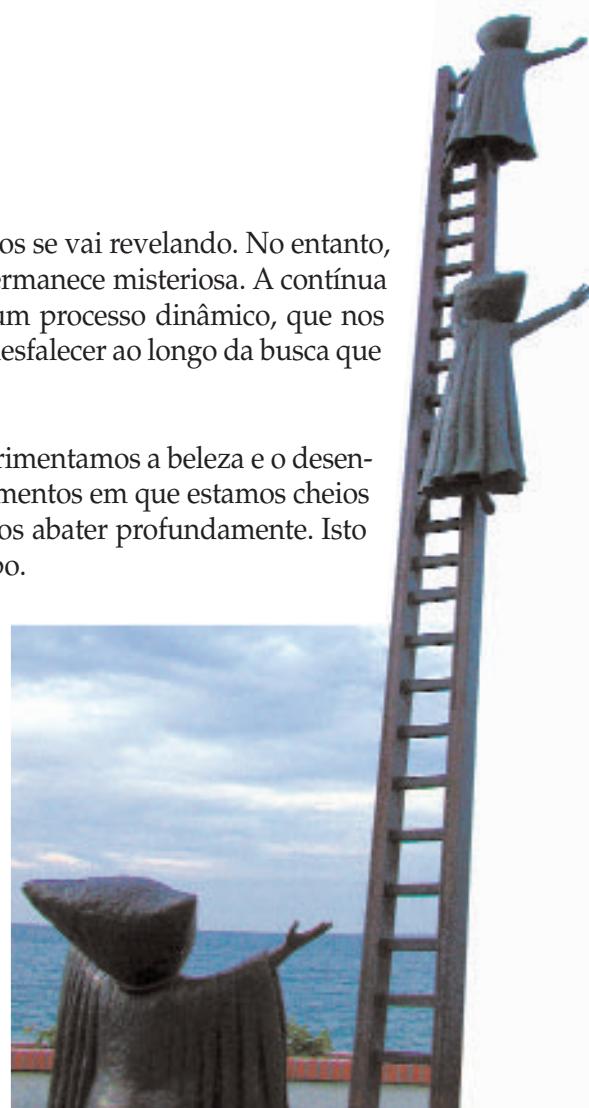
A anjo do Senhor anunciou a Maria⁴³

44. A vida é um mistério que aos poucos se vai revelando. No entanto, mesmo depois de muito tempo, permanece misteriosa. A contínua revelação do nosso eu mais profundo é um processo dinâmico, que nos provoca, nos desafia e nos convida a não desfalecer ao longo da busca que fazemos de nós próprios.

45. Ao longo da nossa existência, experimentamos a beleza e o desencanto, a certeza e a dúvida. Há momentos em que estamos cheios de ânimo e há outros em que nos deixamos abater profundamente. Isto fascina-nos e assusta-nos, ao mesmo tempo.

46. Os nossos corações almejam a felicidade e acreditam que é possível amar e partilhar as bênçãos da vida. Mas, ao mesmo tempo, somos atingidos pelo sofrimento e pela desconfiança; então, hesitamos em assumir nossos relacionamentos e compromissos.

47. Vivemos uma época de transformações culturais e sociais incrivelmente rápidas e de grande alcance. As fronteiras ampliam-se e modificam-se, antigos valores são questionados e práticas tradicionais parecem perder a sua eficácia.



48. Interrogamo-nos sobre o sentido da nossa existência: *Quem sou eu? Para que vivo? Que posso fazer ainda de melhor com a minha vida? A quem pertenço? Por quem sou responsável?* Perguntas como estas habitam a nossa mente e o nosso coração. À medida que cresce a consciência sobre a nossa própria vida e sobre a vida que se manifesta à nossa volta, estas inquietações aprofundam-se mais e mais.

49. Avidos por uma referência que dê sentido às nossas vidas, empenhamo-nos na busca de uma ideia, de uma pessoa ou de uma actividade que integre as diversas dimensões da nossa existência: sentimentos e anseios, relações e actividades, sexualidade e amor, direitos e responsabilidades, esperanças e sonhos.

50. Nestas condições tão genuinamente humanas, encontramos o verdadeiro sentido de todos os nossos desejos: Deus. Então, damo-nos conta de que esta experiência não resulta da nossa vontade, mas da acção do Espírito de Deus em nós. Confiantes, entregamo-nos à experiência de Deus.

51. Maria foi surpreendida pela intervenção divina na sua vida. Inicialmente temerosa, logo se tranquilizou ao sentir o amor de Deus por ela. E mesmo sem ter todas as respostas, assumiu o compromisso com um Deus que lhe inspirava absoluta confiança.

52. Marcelino Champagnat* também enfrentou a inesperada intervenção de Deus muito cedo na sua vida. O anúncio do padre recrutador — *Deus assim o quer* — levou-o a rever todo o seu projecto de vida.⁴⁴



Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo⁴⁵

2

53. Deus interveio na vida de Maria, tal como a vivia naquele momento. Revelou-lhe a verdade sobre a sua identidade e a sua vocação, propondo-lhe um projecto que ela seria capaz de realizar. Ao acolher a Palavra de Deus, Maria demonstrou a qualidade da sua pessoa.

54. As experiências da vida diária são instâncias especiais de encontro com Deus. A presença de Deus manifesta-se na criação e nos acontecimentos quotidianos — no trabalho e no relacionamento com os outros, no silêncio e no barulho, nas alegrias e nas tristezas, nas conquistas e nos sofrimentos, na tragédia e na morte.

55. Deus revela-se nas pessoas que encontramos pela vida fora. Crianças, jovens e idosos, familiares e companheiros de comunidade, refugiados e prisioneiros, enfermos e aqueles que lhes prestam assistência, colegas de trabalho e vizinhos, todas as pessoas são espelhos do Deus da vida e do amor.

56. Podemos sentir Deus também no testemunho de quem se compromete com a paz, a justiça e a solidariedade com os pobres e generosamente age em favor dos outros e por eles se sacrifica.

57. Todas as pessoas e acontecimentos da vida oferecem-nos oportunidades para encontrarmos Deus que é misericórdia. Talvez encontremos Deus mais perto de nós quando nos sentimos mais vulneráveis e aflitos ou quando empenhamos a nossa palavra, apesar do risco que isto possa representar. Quando damos graças pelo dom da vida, sanamos feridas em nossos relacionamentos, oferecemos e aceitamos o perdão, celebramos a Eucaristia e partilhamos a Palavra — todos estes momentos são momentos de graça para encontrar e conhecer o Senhor.

58. Impregnando-nos da plenitude destes momentos, descobrimos a nossa verdadeira humanidade e a profundidade da nossa relação com Deus. É vivendo este relacionamento que conhecemos a nossa verdadeira identidade: filhos e filhas de Deus, irmãos e irmãs na vida.

59. A nossa verdadeira identidade é um dom que assume a forma de um convite incisivo, de um chamamento, de uma vocação*. É Deus que age em nós.⁴⁶ O processo vocacional de Marcelino foi marcado por questionamentos e dúvidas. A sua peregrinação a La Louvesc* foi um tempo de oração e discernimento.⁴⁷ Marcelino viveu esta busca de identidade e crescimento humano como um período de graça.

60. *Deus escolhe certos homens e chama-os pessoalmente para conduzi-los ao deserto e falar-lhes ao coração. Aqueles que O escutam, separa-os. Converte-os incessantemente pelo seu Espírito e fá-los progredir no seu amor para enviá-los em missão.*⁴⁸ Quanto mais nos aproximamos de Deus, mais compreendemos o sentido profundo da nossa existê-



cia. E aumenta a nossa consciência de que fazemos parte do projecto de Deus para o mundo.



61. Esta caminhada, onde as descobertas se sucedem, apresenta muitos riscos e imprevistos. Como Maria na Anunciação, enfrentamos temores e dúvidas. Não obstante, em cada instante da busca, Deus permanece fiel e presente, convidando-nos insistenteamente a ver as nossas vidas através dos Seus olhos.

62. As pessoas empreendem a caminhada da vida de maneiras diferentes, com ritmos e intensidades próprios. Cada uma tem o seu modo de descobrir o sentido da sua existência e de lhe dar as suas respostas. Não importa o modo como nos comprometemos no decurso da nossa vida nem importam as opções que fazemos. Em todas as circunstâncias, teremos sempre a oportunidade de encontrar Deus.

63. Marcelino reconhecia Deus em todas as coisas e acreditava que tudo vinha de Deus. Sentia a presença divina tanto na tranquilidade de Hermitage* como nas ruas barulhentas de Paris.⁴⁹ Para ele, todos os lugares e circunstâncias eram oportunidades para encontrar o Senhor.

64. Como Marcelino, podemos encontrar Deus em todas as situações. A nossa fé não reduz a nossa experiência de Deus a momentos de oração ou a espaços “sagrados”. Nós podemos sentir o amor divino em todos os momentos e lugares da vida. Nesta perspectiva, *o mundo deixa de ser obstáculo e torna-se lugar de encontro com Deus, de missão e de santificação*.⁵⁰

Não temas, Maria, pois achaste graça diante de Deus⁵¹

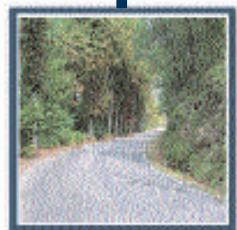
65. Esta consciência das coisas faz-nos compreender com mais claridade o que sucede no presente e desenvolve em nós o desejo de ir mais além dos acontecimentos para assim encontrarmos o próprio dador da vida: Deus.

66. Nesta relação com Deus, descobrimos que somos amados incondicionalmente. Este amor conduz-nos a uma relação cada vez mais profunda com Ele e com toda a vida.⁵² Com Maria, descobrimos que esta experiência de vida é um dom maravilhoso de Deus: *Doravante todas as gerações me chamarão bem-aventurada, pois o Todo-poderoso fez grandes coisas em meu favor.*⁵³



67. Contudo, continuamos a sentir-nos famintos não apenas de sentido e realização das nossas vidas, mas de conhecer melhor o Senhor e de nos tornarmos a sua presença amorosa nos encontros da nossa vida diária.

68. O modo de viver de Marcelino ajudou os primeiros Irmãos a descobrirem a presença amorosa de Deus. Em nossos dias, somos igualmente inspirados pelo testemunho de muitos Irmãos e Leigos Maristas. Nas suas experiências quotidianas, estas pessoas encontram Deus e alegram-se com a Sua presença. Ouvem o chamamento diário do amor de Deus e, como Maria, dizem o seu generoso “sim”.



69. Jesus mostra-nos como Deus se comove com as necessidades e o sofrimento das pessoas, principalmente dos “pequeninos”. À medida que as nossas vidas ficam mais centradas na relação com Deus, somos igualmente tocados pela Sua misericórdia e passamos a dedicar-nos aos necessitados, de modo especial aos jovens.

70. Esta disposição em favor da vida, a paixão por Deus e a compaixão pelo povo de Deus constituem a nossa espiritualidade em ação. Em cada etapa da história, ela evoca um modo de ser presença no mundo, com Ele e por Ele.

Virá sobre ti o Espírito Santo⁵⁴



71. O mundo precisa de místicos — pessoas sensíveis ao mistério da vida numa atitude de abertura e disponibilidade. Tendo vivenciado o amor de Deus, tornam-se testemunhas da luz entre os seus companheiros de caminhada, servindo de inspiração na busca de Deus.

72. Um místico acredita que o Espírito Santo é sempre uma presença activa no mundo. O Espírito dá sentido à vida e à nossa participação na missão de Jesus.

73. Como místicos, reconhecemos a presença do Senhor em todos os acontecimentos. O sentido da nossa fé faz-nos apreender as dimensões mais profundas de cada situação, para além das aparências e visões superficiais. A nossa oração traduz-

se na exclamação: *Como é grande o Vosso amor, Senhor!* E, com a certeza absoluta de sermos profundamente amados pelo Senhor, cheios de confiança, abrimos os nossos corações à vontade do Senhor.

74. Para acolher o amor de Deus com tal intensidade, devemos desenvolver em nós uma atitude de generosa abertura. Com a ajuda de Deus, desenvolvemos a capacidade de prestar atenção a toda a existência, reflectindo sobre os acontecimentos da vida que queremos compreender e sendo generosos na nossa resposta aos convites do Espírito, que se manifestam no dia-a-dia da nossa existência.

75. Como Maria, que guardava aqueles acontecimentos em seu coração⁵⁵, prestamos atenção contínua aos sinais dos tempos, aos apelos da Igreja e às necessidades da juventude.⁵⁶ Desenvolvemos o exercício pessoal e comunitário do discernimento evangélico, como treino ininterrupto de interpretação do sentido sacramental da realidade (acontecimentos, pessoas, coisas) que se torna lugar de comunhão com Deus.⁵⁷ Foi este o discernimento de Marcelino no encontro com o jovem agonizante Jean-Baptiste Montagne*.⁵⁸

76. A nossa espiritualidade permite-nos encontrar Deus em todas as coisas e em todos os aspectos da vida. A oração é o recurso que propicia o aprofundamento das experiências de vida. Jamais substituímos a oração pelo trabalho. A atenção à palavra de Deus faz-nos permanecer fiéis no nosso empenho na construção do Reino. A nossa oração surge da vida e devolve-nos à vida.





77. Na oração, pessoal ou comunitária, encontramos a oportunidade de ser modelados por Deus, como Jesus. A nossa oração é apostólica, *renovada, aberta à realidade da criação e da História, eco de uma vida solidária com os irmãos, sobretudo com os pobres e os que sofrem*.⁵⁹ É uma oração que vai ao encontro das alegrias e dores, das angústias e esperanças daqueles que Deus põe no nosso caminho.⁶⁰

78. Ao longo da nossa história, os seguidores de Marcelino valeram-se de diversos meios para nutrir a sua vida espiritual. A “Oração da Igreja”*, as visitas ao Santíssimo, o Rosário, a Missa diária, o estudo religioso, a meditação e outros exercícios espirituais contribuíram para o crescimento na santidade.

79. Actualmente, algumas práticas são essenciais para alimentar a nossa vida de fé como Maristas:

❖ **Lectio divina***
ou meditação da Palavra de Deus

80. O contacto diário com a Palavra de Deus permite que olhemos a nossa caminhada pessoal a partir da perspectiva da História da Salvação. Ela faz-nos superar a dimensão pessoal da vida para a vermos integrada numa dimensão mais ampla, a do Povo de Deus.

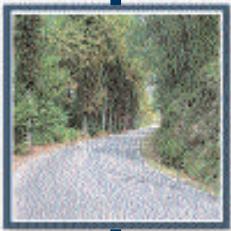
❖ Oração pessoal

81. Na oração pessoal, sincera e alegre, sintonizamos com o coração de Deus. Diante do Senhor, oferecemos todo o nosso ser — mente, corpo, anseios — e deixamos que Deus transforme e esteja presente em todas as dimensões da nossa vida.



❖ Revisão do dia*

82. Reflectindo sobre os acontecimentos do nosso dia, como os discípulos de Emaús⁶¹, constatamos a presença de Deus em todo o nosso caminhar. Prestamos atenção aos apelos e convites de Deus em todos os instantes da nossa vida.



2



❖ Oração em comunidade

83. A oração comunitária oferece a oportunidade de partilharmos a nossa missão na fé. A presença em comunidade ajuda a criar um sentido de comunhão que transforma todos os nossos sonhos, realizações, conflitos, experiências pessoais e projectos comunitários e familiares em oração. Os dias de recolhimento em comunidade *restituem à nossa vida activa a sua unidade interior*.⁶² A oração em comunidade é o elemento especial que nos permite discernir e assumir em comum as nossas escolhas. Criamos espaços comunitários onde somos ajudados a viver e a celebrar o sentido que Maria dá à nossa vida.

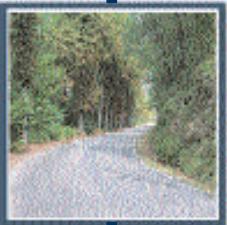
❖ Partilha da fé

84. Partilhamos a nossa fé pelo testemunho da vida, pelas orações e celebrações, pelas nossas opções e pela posição profética que assumimos em favor dos excluídos. Apoiamo-nos mutuamente no diálogo sobre a nossa fé, ajudando-nos a reconhecer os elementos fundamentais para a nossa vida em comum.



❖ Acompanhamento

85. Algumas pessoas partilham a sua caminhada de fé com um orientador espiritual. Esta prática ajuda a sentir a presença do Senhor na vida diária. Propicia alívio às angústias, melhora a percepção da realidade e oferece soluções oportunas a eventuais problemas. Por isto, esta experiência é cada vez mais reconhecida como mediação útil para o desenvolvimento humano e espiritual. Para ser eficaz, porém, deve ocorrer com certa regularidade.





❖ Celebração Eucarística

86. A Eucaristia é o centro das nossas vidas.⁶³ Não é apenas ritual ou sacramento. O sustentáculo da vida espiritual e do empenhamento na missão exige que vivamos de modo eucarístico: *reunidos, abençoados, disponíveis e oferecidos*. Quando nos reunimos para celebrar este dom de Jesus, estabelecemos comunhão com toda a criação e com todas as pessoas, especialmente com os pobres. Assim alimentados, assumimo-nos como “corpo místico de Cristo” para celebrar e continuar a edificar o Reino de Deus.

❖ Reconciliação⁶⁴

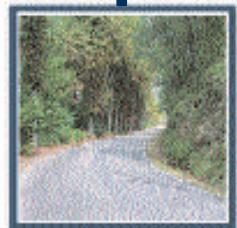
87. Ao longo da nossa vida em comum, há momentos em que as nossas relações deixam muito a desejar. Outras vezes, damo-nos conta de que o nosso coração e a nossa mente não estão sintonizados com a acção do Espírito. Nestas horas, devemos buscar a reconciliação não apenas no âmbito individual, mas também comunitário. Precisamos de nos reconciliar uns com os outros e com Deus para podermos responder ao convite vocacional feito a cada um de nós e para partilharmos a missão que nos foi confiada.

Bem-aventurados os que crêem⁶⁵

88. Oramos em todas as situações, com criatividade e generosidade. Não obstante as dificuldades e confrontações da vida diária e apesar das limitações e injustiças com que nos deparamos, não cessamos de reconhecer as bênçãos de Deus sobre nós e sobre aqueles que amamos. Como Maria no Magnificat, a nossa alma engrandece o Senhor.⁶⁶

89. Em nossos momentos de recolhimento, cultivamos uma vida interior que fortalece o nosso amor pelo mundo e a nossa comunhão com ele. Tornamo-nos, assim, mais sensíveis à vida. Embora tenhamos consciência dos nossos limites e falhas, reconhecemos a inefável beleza da humanidade e de toda a criação.

90. Somos continuamente convidados a comprometer-nos com o mundo e a contemplar a vida com os olhos e com o coração de Deus. A espiritualidade permite-nos aprofundar a nossa relação com Cristo e a entregar-nos com confiança ao serviço da vida e da missão em comunidade.



Eis aqui a serva
do Senhor.
Faça-se em mim
segundo
a Tua palavra⁶⁷ ♫

3. Co



MO IRMÃOS E IRMÃS



*Dou-vos
um mandamento movo:
amai-vos uns aos outros.*

*Amai-vos uns aos outros
como Eu vos amei.*

*Nisto todos conhecerão
que sois meus discípulos:
se vos amardes
uns aos outros.*

Vede como eles se amam!

Dou-vos um mandamento novo: amai-vos uns aos outros⁶⁸

91. Como Jesus, Marcelino Champagnat*, no seu Testamento Espiritual, convidou os seus seguidores a viverem em comunhão e em comunidade.⁶⁹ Jesus fez este convite aos seus discípulos na Última Ceia. A mesa do Senhor passou a ser o símbolo central de comunhão e doação pessoal para os cristãos.

92. Para a comunidade de Marcelino, hoje, a mesa de La Valla* representa um poderoso símbolo de família e de serviço.⁷⁰ Construída pelo próprio Champagnat, esta mesa pode ser considerada a expressão concreta dos seus esforços para criar uma comunidade dedicada ao Senhor. Para conviver mais intimamente com os primeiros Irmãos, o Fundador abandonou o conforto relativo do presbitério e foi morar com eles.⁷¹ A vida em comum, expressão do espírito de família, é parte integrante da sua visão.

93. O nosso anseio mais profundo é o de amar e ser amados. Desejamos participar da vida, ser solidários e ter a oportunidade de partilhar as nossas vidas e mudar as nossas circunstâncias. Constituímos família e unimo-nos para lutar pelos nossos ideais e transformar a sociedade. Cada família, grupo ou comunidade é marcado de um modo especial por aquilo que une os seus membros e constitui o núcleo desta comunhão.



94. As famílias e as comunidades cristãs estão unidas em Cristo. Nele encontramos a união entre nós e com a criação.⁷² Na unidade com os outros, fortalecemos a nossa unidade com Cristo.

95. A mensagem de Jesus é simples, mas provocadora: *Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei*. Jesus não prega apenas a união, vive-a.⁷³ Em sua essência, o cristianismo é comunhão que se concretiza no amor ao próximo. Em Cristo, descobrimos que uma missão comum nos une em comunidade e, por sua vez, a comunidade nos impulsiona à missão.

96. Para construir comunidades e estabelecer estruturas que sustentem a sua vitalidade, devemos partilhar e viver uma espiritualidade.⁷⁴ A espiritualidade Marista reconhece a comunidade como espaço privilegiado, onde cada pessoa e Deus se revelam através dos outros.

97. A espiritualidade Marista celebra o mistério da Santíssima Trindade que habita em nós e no coração das outras pessoas. Ela permite-nos “sentir com” os nossos irmãos e as nossas irmãs, levando-nos a partilhar as suas vidas e criar vínculos de amizade. Esta espiritualidade ajuda-nos a reconhecer a beleza e a bondade nos outros e a abrir-lhes um espaço nas nossas vidas. Deste modo, um grupo de pessoas vai progressivamente crescendo em comunidade, com um só coração e um só espírito.⁷⁵





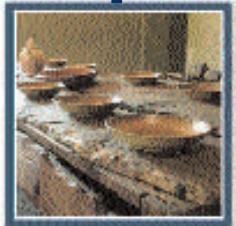
98. Marcelino mostra-nos como devemos formar comunidades de missão e viver nelas. O próprio nome que escolheu para o seu Instituto — *Pequenos Irmãos de Maria** — sintetiza os elementos fundamentais da identidade da sua comunidade: a virtude evangélica da simplicidade, o apelo à fraternidade e a contemplação da pessoa de Maria.

99. Esta identidade expressa-se especialmente na prática das “pequenas virtudes”.* Para Marcelino, esta prática é o modo de viver as atitudes de Maria no quotidiano das nossas vidas. Ele estava convencido de que estas virtudes ou atitudes são expressões de amor geradoras de vida.

100. Marcelino acreditava que, ao construir a casa, construía, ao mesmo tempo, a comunidade.⁷⁶ Gostava de passar o Verão em L’Hermitage,* com os Irmãos, que vinham fazer o retiro anual, descansar, estudar e revigorar-se. Ao viver o ritmo da comunidade, tanto em La Valla* como em L’Hermitage*, Marcelino animava e nutria a vida comunitária com o seu exemplo, dedicando-se pessoalmente ao trabalho manual e à oração em comunidade.

101. Num mundo ávido de sentimentos de unidade e de pertença, o lar é um símbolo poderoso. Famílias e comunidades tornam-se lugares cruciais para as pessoas poderem crescer, apoiar-se, cuidar-se e renovar o seu ânimo.⁷⁷

102. Todas as nossas relações são enriquecidas quando Maria inspira o nosso modo de ser e de estar com os outros. Com Maria, aprendemos a expressar o amor de Deus em todas as relações da nossa vida pessoal e comunitária. Aprendemos, assim, a *amar as pessoas, e a tornamo-nos sinais vivos da ternura do Pai*.⁷⁸



Amai-vos uns aos outros como eu vos amei⁷⁹

103. A espiritualidade Marista inspira o nosso modo de viver os mandamentos de Jesus e o sonho de Champagnat. Desenvolve-se à medida que crescemos no amor, com sinceridade e simplicidade, na nossa vivência familiar e comunitária.



104. A vida eucarística é o centro da vida comunitária e da nossa relação com os outros. Nos mais diversos lugares e com as mais diversas pessoas, sentimo-nos, ao longo dos dias, *reunidos, abençoados, disponíveis e oferecidos*.

105. A nossa espiritualidade é comunitária, alcançando a sua melhor expressão e vivência em família ou em comunidade. Desenvolvemos relações significativas e asseguramos, de um modo habitual, a nossa presença nas nossas comunidades e famílias. Deste modo, a experiência de amar e ser amados torna-se parte da nossa experiência diária.

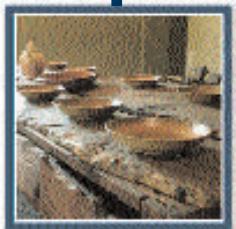
106. Qualquer que seja a actividade que os membros de uma comunidade desempenhem — trabalho, envolvimento em movimentos de luta pela justiça, participação em algum serviço social, oração, partilha das refeições ou momentos de lazer —, reconhece-

mos em tudo as bênçãos de Deus. Somos abençoados com o dom da vida e com maravilhosos companheiros que caminham connosco no que se refere à vida e à missão. Proclamamos não apenas o que Deus fez em cada um de nós mas também o que Deus faz por nós como grupo, em família e em comunidade.

107. A vida em comum serve-nos de apoio e desafia-nos a ser comunidades em missão. Estamos sempre atentos aos convites de Deus que se manifestam na nossa vida partilhada e implicam o discernimento de uma resposta comum. Baseados numa confiança comum em Deus, oferecemos as nossas vidas como serviço. O nosso apostolado, como o de Jesus, manifesta-se como total disponibilidade aos nossos irmãos e irmãs. Na verdade, somos pão de vida para os outros como o foi Jesus para nós.

108. Ao oferecer e receber amor, somos desafiados a combater a tendência ao individualismo e ao cuidado pessoal excessivo, assim como à tendência a uma generosidade débil e fraca. Isto exige o desenvolvimento do espírito de família. Deveremos estar abertos aos outros, estar atentos às suas necessidades, dispostos a escutá-los e a colocar o nosso tempo à sua disposição. Nisto, todos são iguais, tanto os jovens como os mais idosos, pois, quando se trata de doação pessoal, não há distinção de idade.

109. Deus criou-nos pessoas sexuadas de modo que encontramos, na relação com as outras pessoas, a nossa verdadeira natureza humana e espiritual.⁸⁰ Os nossos desejos sexuais são a expressão mais profunda do desejo humano de união, em princípio com os outros e, em última instância, com Deus. A relação de Jesus com os seus discípulos



los e amigos indica-nos o modo cristão, significativo e amadurecido, de intimidade e de amizade. Com a graça de Deus, assumimos o compromisso exigente de desenvolver a harmonia interior que atraía as pessoas a Jesus, humilde e simples de coração.⁸¹ Não podemos desenvolver o nosso potencial humano sem estar em relação com os outros e sem responder aos anseios e desafios propostos pelas pessoas que partilham mais intimamente connosco a caminhada da nossa existência.

110. Como Irmãos e Leigos Maristas, desenvolvemos uma qualidade de comunhão que permite às famílias, comunidades religiosas e outras formas de vida comunitária se transformarem em lares que ajudem *os jovens a crescer, onde se cuidam os idosos e se manifesta um carinho especial para os mais fracos. São verdadeiros lares onde existe em abundância o óleo do perdão para curar as feridas e o vinho da festa para celebrar tanta vida partilhada.*⁸²



111. Quando estamos juntos, colocamos em comum as nossas histórias pessoais e as da nossa caminhada em comum. Partilhamos projectos, lutas, realizações e decepções. Tudo deve contribuir para fortalecer os vínculos da nossa fraternidade. Temos grande consideração e respeito pelas experiências e histórias das diferentes gerações.

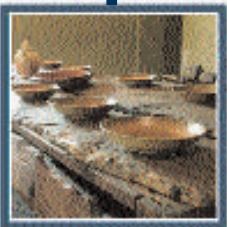
112. O sentido de humor é um dom maravilhoso. Ajudanos a ser mais compreensivos com nós mesmos e com os nossos com-



panheiros, bem como a enfrentar os contratempos da vida em comunidade, com alegria: *O nosso modo de vida deve tornar as pessoas felizes. Não como extroversão cómica ou humorística, mas sim como um profundo contentamento experimentado por quem encontra, além de maravilhosos companheiros de jornada, sentido e razão para a vida.*⁸³

113. Para Marcelino e os seus primeiros Irmãos, assim como para nós, Maria inspira as nossas relações fraternas. Nas Bodas de Caná, Maria foi sensível às necessidades das pessoas e discretamente interferiu para que a situação fosse resolvida.⁸⁴ Maria encoraja-nos a exercer a nossa autoridade como serviço à comunidade e faz-nos compreender que as nossas ações podem provocar um crescimento de fé nas pessoas. Neste sentido, as palavras que dirigiu ao seu Filho — *Eles não têm mais vinho* — demonstraram o seu desejo de chamar a atenção do Filho para as pessoas em necessidade.

114. Maria inspirou nos primeiros Irmãos uma nova visão de ser Igreja, segundo o modelo dos primeiros cristãos. Esta Igreja Mariana tem um coração materno: ninguém é abandonado.⁸⁵ Uma mãe acredita na bondade intrínseca das pessoas e perdoa sem hesitação. Demonstramos respeito pela caminhada pessoal de todas as pessoas. Por isso, reservamos um lugar para quem apresenta dúvidas e incertezas espirituais. Os desafios e as confrontações acontecem num clima de sinceridade e de abertura.





115. As pessoas que partilham a espiritualidade de Marcelino são práticas, com os pés no chão. Todas têm consciência de que viver em família ou em comunidade nem sempre é um mar de rosas. Vez por outra, demonstramos as nossas fragilidades, limitações e diferenças, ficamos ressentidos e aborrecidos. Podemos até zangar-nos com nós próprios e com os outros, ficar amargurados e isolarnos.

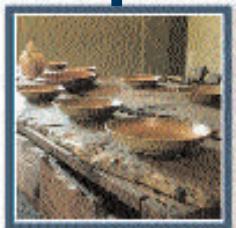
116. Para garantir uma vida em fraternidade é preciso viver um processo permanente de reconciliação. Este processo permite que retornemos sempre ao centro da nossa comunidade — Jesus. Podemos, assim, sentir-nos sempre amados e capazes de superar as dificuldades. Na misericórdia e na compaixão de Deus, encontrarmos a força e a graça necessárias para buscarmos a reconciliação.⁸⁶

117. A partilha na fé permite que ultrapassemos problemas e diferenças pessoais. A comunidade é um dom do Espírito. Para nutrir a nossa vida no Espírito, encorajar-nos e apoiar-nos mutuamente, empreendemos todos os esforços para tornar as nossas comunidades escolas de fé não só para nós mesmos, mas também para os jovens e todas as demais pessoas em busca de Deus. A nossa experiência de Deus torna-se pão a ser partilhado.⁸⁷

118. Partilhar e celebrar a nossa fé, orando juntos, é um poderoso meio para construir comunhão.⁸⁸ Todas as vezes que nos reunimos para orar e celebrar juntos a Eucaristia, a nossa união com Jesus conduz-nos à plenitude da comunhão com nós mesmos, com Deus, com os outros e com a criação. Quanto mais profundamente vivermos a nossa vida quotidiana tanto mais significativas serão a nossa oração e as nossas celebrações litúrgicas.

Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros⁸⁹

119. As palavras *irmão* e *irmã* expressam de um modo muito rico o estilo Marista de viver as relações entre as pessoas.⁹⁰ Um irmão ou uma irmã é uma pessoa disponível, desprestensiosa, sincera, gentil e respeitosa. Ser irmão ou irmã é um modo de se relacionar que inspira confiança nas pessoas e lhes dá esperança.⁹¹



120. O mundo e a humanidade precisam de esperança. Os seres humanos podem ser maravilhosamente criativos ou temerariamente destrutivos. O “outro” pode causar-nos medo. Se nos estabelecermos como o centro do universo e pensarmos que o nosso modo de ser e de estar é o “único verdadeiro”, então, muitos conflitos aparecerão — não apenas nas famílias e comunidades, mas também entre as nações. Viver como irmãs e irmãos é um processo dinâmico e cuidado pelo qual as diferenças enriquecem a comunhão. A fraternidade Marista torna-se, assim, sinal de esperança para um mundo que precisa cada vez mais de tolerância e de paz.

121. Num mundo multicultural e multi-religioso, somos urgentemente chamados a desenvolver estruturas interculturais que nos ensinem a viver esta realidade de modo construtivo. Comunidades multiculturais convi-



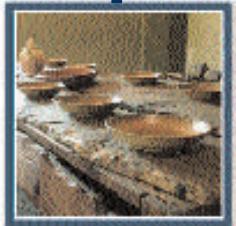
dam-nos a partilhar a riqueza de outras tradições e crenças, a crescer no respeito e na tolerância e a celebrar a generosa presença do amor de Deus. Representam um testemunho especial contra as tendências ao fundamentalismo, à xenofobia e à exclusão.⁹²

122. Como irmãos e irmãs partilhando a Vida, queremos preocuper-nos cada vez mais com o nosso Planeta e com toda a criação. Juntos, acalentamos a esperança de que toda a humanidade venha a reconhecer o Mundo como o nosso lar, esperando que a harmonia da natureza seja respeitada com determinação e delicadeza. Isto exige que vivamos integrados numa atmosfera de reverência, respeito mútuo, justiça e participação.

123. Como companheiros de caminhada, chamados a construir comunidades geradoras de vida, buscamos inspiração nas palavras de Marcelino Champagnat:

Peço-vos também, meus queridos Irmãos, com toda a afeição da minha alma e pela que tendes por mim, para procederdes sempre de tal modo que a santa caridade se mantenha sempre entre vós. Amai-vos uns aos outros como Jesus Cristo vos amou. Que não haja entre vós senão um só coração e uma só alma. Que se possa dizer dos Irmãos de Maria como dos primeiros cristãos: "Vede como eles se amam"... Este é o desejo mais ardente do meu coração, neste derradeiro momento da vida. Sim, meus caríssimos Irmãos, escutai as últimas palavras do vosso Pai, pois são as mesmas do nosso amado Salvador: "Amai-vos uns aos outros".⁹³

Vede como eles se amam⁹⁴ ☸



4.

ANUN
A BOA-NO



CIAMOS VA AOS POBRES



*O Espírito do Senhor
está sobre mim.*

*Ungiu-me
para anunciar boas-novas
aos pobres.*

*Ide, fazei discípulos
de todas as nações.*

O Espírito do Senhor está sobre mim⁹⁵

124. A espiritualidade Marista, sendo apostólica, deve ser vivida em missão*. O apostolado Marista nasce da experiência do amor de Deus e do desejo de participarmos activamente na missão de Jesus. Deus apaixonou-se pelo mundo e pelo Seu povo e Jesus expressa este amor curando e ensinando as pessoas. *Eu vim para que todos tenham vida, e vida em abundância.*⁹⁶ Como Jesus, reconhecemos o convite urgente do Espírito em nós, que nos chama a ser testemunhas da Boa-Nova. A missão da Igreja nasce desta inspiração interior: proclamar o Reino de Deus como um novo modo de se relacionar com Ele e de se dedicar ao bem da humanidade. Participamos nesta missão da Igreja quando acolhemos o mundo com compaixão.

4



125. Ao olhar a realidade actual do mundo, ficamos admirados e, ao mesmo tempo, perplexos. Por um lado, celebramos a diversidade maravilhosa da natureza e a sua admirável harmonia. Igualmente, regozijamo-nos com a rica diversidade cultural da humanidade... Por outro lado, no entanto, estorrece-nos a violência e a insegurança, a pobreza e o desespero, a SIDA e a violência contra a infância, a degradação ambiental e a fome, o analfabetismo e a ignorância.

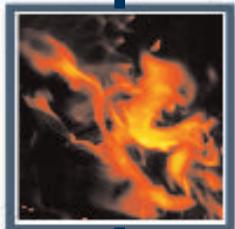


126. É encorajador constatar que muitas pessoas, entre elas muitos jovens, ao se confrontarem com situações aparentemente sem saída, respondem com paixão e compromisso. Organizados em grupos, trabalham em projectos de solidariedade, construindo um mundo melhor para todos. Procuram companheiros, não para partilharem apenas a sua paixão, mas também para possuírem a sabedoria que os leva a não perder a esperança diante de tanta dor e tanto sofrimento. São mulheres e homens que vivem a espiritualidade da compaixão e da missão. As suas opções servem de inspiração para todos nós.

127. Os apelos do mundo, especialmente dos pobres, tocam o coração de Deus e também o nosso. A profundidade da compaixão divina desafia-nos a ser homens e mulheres com um coração sem fronteiras, pois, *em Sua infinita bondade, Deus continua a se envolver totalmente com as mulheres e os homens do mundo de hoje, com as suas decepções e esperanças.*⁹⁷

128. O carisma* Marista torna-nos sensíveis aos sinais dos tempos e às aspirações e preocupações das pessoas, especialmente dos jovens. Superando fronteiras religiosas e culturais, desejamos a mesma dignidade para todos: direitos humanos, justiça, paz e partilha igualitária e responsável das riquezas do planeta.

129. A nossa resposta apaixonada às necessidades do mundo deriva de nossa espiritualidade. A espiritualidade faz-nos viver a missão, que se nutre desta espiritualidade e nela se revigora. A espiritualidade dá senti-



4



do às experiências humanas e permite-nos interpretar a vida com os olhos e o coração de Deus e compreendê-la como um projecto do Senhor.

130. A experiência da presença envolvente de Deus que Marcelino Champagnat* viveu foi essencial para o seu zelo apostólico. Ele tinha a certeza absoluta de que cada instante da sua vida estava impregnado da presença de Deus⁹⁸. A vontade de Deus foi-lhe revelada nas experiências da vida quotidiana. Se percebesse que algo era a vontade de Deus, imediatamente passava a fazer parte da sua missão. Jamais mediou esforços para realizá-la. No entanto, mantinha a firme convicção de que nada era obra sua, mas de Deus. *Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam*⁹⁹: esta é a crença fundamental do Fundador.

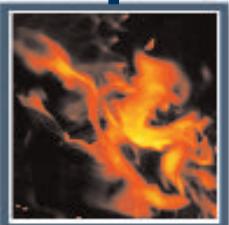
131. Maria inspirou o modo como Marcelino viveu a missão. Ela recebeu o Espírito Santo na Anunciação e prontamente foi ajudar a prima Isabel.¹⁰⁰ Demonstrou, assim, que a contemplação* e a acção são elementos indispensáveis à espiritualidade. O modo de ser e de actuar de Maria, com a sua paciente escuta do outro, a sua permanente atenção para ajudá-lo e a pronta resposta à vontade de Deus, constitui o fundamento de todas as nossas acções.

132. Confirmada na sua vocação* pelo convite do Espírito Santo, Maria sentiu-se impelida a deixar a sua casa para se dirigir à casa de outra pessoa. Apresentou deste modo o sentido do nosso apostolado: ir ao encontro das pessoas lá onde elas estão.¹⁰¹

133. Maria, discípula sensível e apaixonada, respondeu imediatamente e sem hesitação às pessoas que dela precisavam.¹⁰² Ela foi “depressa” anunciar com júbilo a notícia de um Deus amoroso e a promessa segura de que o reino de justiça e fidelidade estava prestes a chegar. Ofereceu a Isabel o auxílio concreto das suas mãos e da sua experiência do Espírito.¹⁰³

134. Como Maria no Cenáculo com os apóstolos, anunciamos a Boa-Nova com alegria, simplicidade e humildade, através da nossa presença e da nossa fé.

Ungiu-me para anunciar boas-novas aos pobres¹⁰⁴



135. Todos os Maristas partilham a mesma missão: *Tornar Jesus Cristo conhecido e amado.*¹⁰⁵ Como os apóstolos, centramos apaixonadamente a nossa vida em Jesus.¹⁰⁶ Deixamo-nos cativar por Ele e pelo seu Evangelho. Educa-



mos os nossos corações vivendo com Jesus. Aprendemos com Ele os caminhos que conduzem ao Reino e proclamamos a sua mensagem e o seu modo de ser e agir através da nossa presença, das nossas palavras e das nossas acções.

136. Jesus realiza a Sua missão através da palavra e através do testemunho de vida. Na sua relação com as outras pessoas, Jesus ultrapassa as fronteiras da religião e da cultura.¹⁰⁷ Nestes encontros, Jesus valoriza e encoraja as pessoas, mas também as desafia.

137. Procuramos ver as pessoas que encontramos como reflexos de Deus. Desejamos ser a memória visível e permanente do amor e da presença misericordiosa de Deus junto às pessoas: *sinais vivos da ternura do Pai*.¹⁰⁸ Deus age misteriosamente em nós e através de nós. E, apesar das nossas limitações tão evidentes, a bondade torna-nos capazes de superá-las. Vivendo com Deus, aprendemos a ser como Ele: pastor, amigo, companheiro fiel.

138. Marcelino chamou “Irmãos” os primeiros Maristas em La Valla*.¹⁰⁹ Ele acreditava na força do amor que constrói comunidade e cura as mágoas. Impelido por um amor sem fronteiras, sentiu-se motivado a ser irmão para todos. A sua visão ultrapassou e de longe o seu próprio tempo e espaço: *Todas as dioceses do mundo fazem parte dos nossos planos*.¹¹⁰





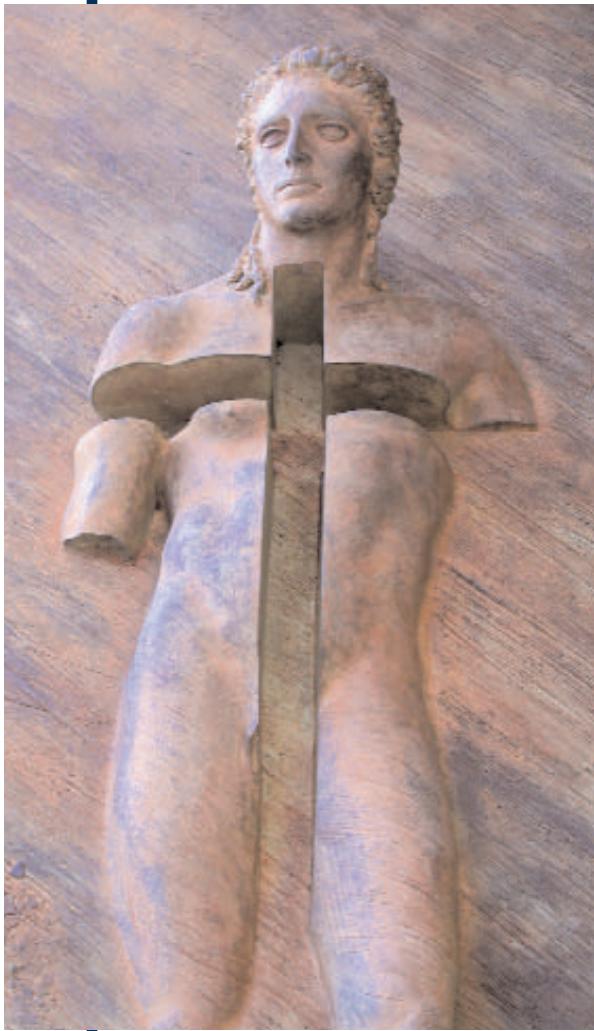
139. Qualquer que seja o nosso apostolado ou as pessoas com quem vivamos, ser “irmão” significa sempre que o nosso modo de nos relacionarmos com os outros é simples, acolhedor e encorajador, cheio de compaixão, de alegria e de cordialidade. Somos irmãos e irmãs de todos os que encontramos pelo caminho. Este é o modo como vivemos a nossa Espiritualidade Apostólica Marista e encarnamos a nossa missão.

140. O nosso apostolado é comunitário.¹¹¹ A comunidade de apóstolos Maristas garante-nos apoio e coragem. Ao nos encontrarmos com companheiros Maristas, sentimos que a fé e as intuições apostólicas se confirmam, e as nossas actividades apostólicas ganham nova energia quando estamos com pessoas que connosco partilham convicções e ideais.

141. Os apóstolos Maristas perseveraram na sua missão construindo comunidades, isto é, espaços sagrados onde as pessoas podem encontrar Deus e sentido para as suas vidas. Acolhemos com entusiasmo os jovens que buscam relações significativas com pessoas em quem possam confiar. Deste modo, com eles, tornamo-nos *semeadores de esperança* e mostramos-lhes como são profundamente amados por Deus.¹¹²

142. Movidos por este amor, buscamos ocasiões e razões para estar com os jovens e, assim, poder participar de seu mundo e de sua vida. *Para muitos deles, somos o único ‘Evangelho’ que terão oportunidade de ler.*¹¹³ Inspiramos as crianças e os jovens a ser criativos no desenvolvimento da sua própria iden-





tidade, enfrentando novos desafios na vida e aprofundando o conhecimento de si, dos outros, do mundo e de Deus.

143. Participando no mundo das crianças e dos jovens, defrontamo-nos com a injustiça, com o sofrimento e, frequentemente, com a maldade. Jesus convida-nos a incorporar estas experiências nas nossas vidas como participação no seu Mistério Pascal — o encontro da Sexta-feira Santa com a Páscoa, o paradoxo que transforma o fracasso em vida, vida nascida do sofrimento.

144. Seguindo Jesus e realizando a nossa missão, somos inspirados pela paixão e pelo estilo prático de Marcelino. Com um coração dedicado às crianças e jovens pobres, os apóstolos Maristas procuram dar respostas concretas à dolorosa condição em que estas crianças e jovens se encontram.

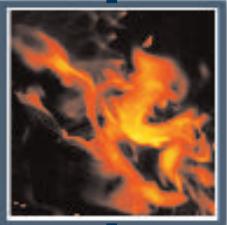
145. Realizamos o nosso apostolado de diversas formas. Através delas, procuramos revigorar a fé das pessoas e valorizar de modo especial as iniciativas que promovem a vida e a justiça.

146. Para nós, a educação é um meio privilegiado de evangelização e promoção humana.¹¹⁴ O grande alcance das nossas obras educativas responde a muitas e novas necessidades dos jovens de todas as partes. Ao assumi-las, cada apóstolo Marista *demonstra preferência por aqueles que nunca são os preferidos*.¹¹⁵

147. A nossa opção de estar com os jovens e de partilhar as suas circunstâncias impele-nos a criar novos modos de educar e evangelizar. Os Maristas partilham uma diversidade de actividades pastorais com outras pessoas comprometidas, oferecendo um rosto à compaixão e mãos e voz à promoção da justiça.

148. O Espírito renova o amor de Deus pelo nosso mundo¹¹⁶. Como Champaignat, desejamos continuar abertos à acção e aos apelos do Espírito. O agonizante Jean-Baptiste Montagne* impeliu Marcelino a iniciar o seu projeto de ter Irmãos para a educação das crianças menos favorecidas das regiões rurais.¹¹⁷ Quem são os *nossos Montagnes* hoje? Quem nos impele a dar uma resposta apostólica? Eis algumas questões cruciais no nosso processo permanente de discernimento.

149. Por isso, dirigimo-nos para lugares onde ninguém quer ir, para lá partilhar o sofrimento, como Maria aos pés da cruz, e oferecer uma presença e um serviço fiéis, apesar de todos os riscos. *Esta experiência estimula-nos*



4



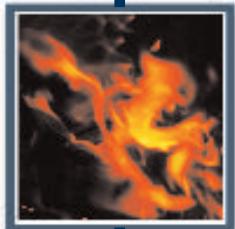
a deslocar-nos, com audácia e senso missionário, para missões de fronteira, áreas marginalizadas, ambientes inexplorados, onde a implantação do Reino é mais necessária.¹¹⁸ Quando a nossa missão está concluída, avançamos para outros lugares que exigem a nossa presença.

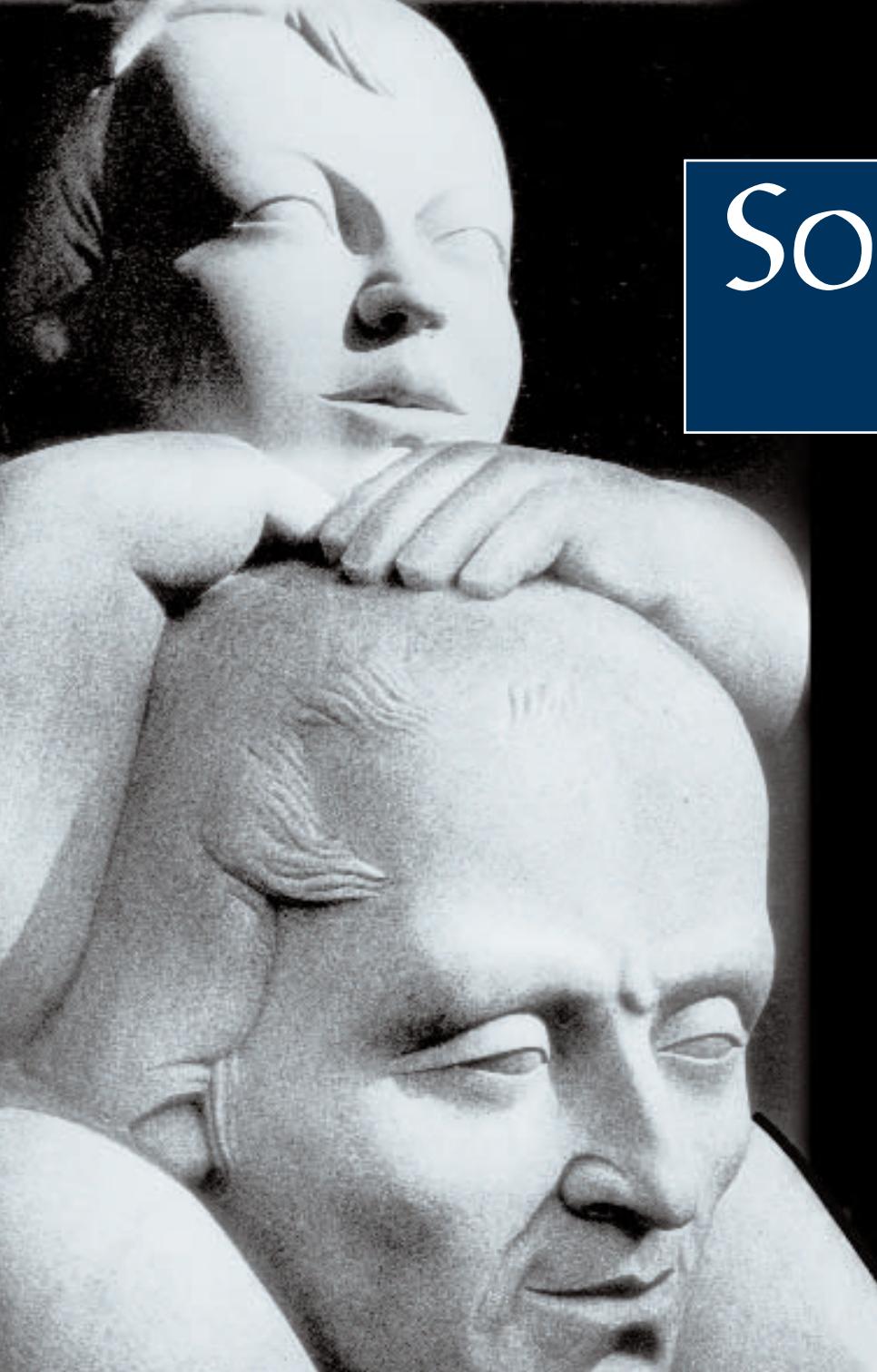
150. Esta dimensão da espiritualidade Marista inspira milhares de Maristas a responderem com generosidade ao chamamento da Missão *Ad Gentes*. A disponibilidade e a fidelidade criativa de todos eles são essenciais para a contínua renovação e vitalidade da vida e da missão Maristas.

Ide, fazei discípulos de todas as nações¹¹⁹

151. A nossa espiritualidade, marial e apostólica, convida-nos a acolher Maria como a Primeira Discípula de Jesus. Ela é modelo de amor pelos pobres e modelo de acolhimento da mensagem de Deus. O seu modo de pôr em prática a Palavra de Deus serve-nos de inspiração e orienta-nos no caminho a seguir. Como Maria, exultamos no Senhor e comprometemo-nos a servir a justiça de Deus com as nossas próprias vidas.¹²⁰

152. Nas últimas palavras de Maria registadas no Evangelho, ela recomenda-nos ainda: *Fazei tudo quanto Ele vos disser.*¹²¹





SONHA
NO

MOS VOS SONHOS¹²²



*Carregai-o
aos ombros.*

Cheios de júbilo.

Temos novas visões.

*A minha alma
engrandece ao Senhor.*

❖ Carregai-o aos ombros¹²³

153. A imagem de Marcelino Champsagnat, num dos nichos da fachada externa da Basílica de São Pedro, mostra o fundador carregando um menino aos ombros. Reconhecemos nesta expressão artística um símbolo da força inspiradora da Espiritualidade Marista para o mundo de hoje. Ilustra também a certeza Marista de sermos carregados sobre os ombros de uma vigorosa tradição espiritual, capaz de nos conduzir a um futuro prometedor de vitalidade e de esperança.



❖ Cheios de júbilo¹²⁴

154. Cheios de júbilo pelo compromisso renovado, reafirmamos, unidos a nossos irmãos e irmãs, a crescente convicção que expressa o núcleo da tradição espiritual Marista:

❖ A nossa missão, fundada na experiência de sermos profundamente amados por Jesus, é torná-Lo conhecido e amado.

- ✿ Maria nunca nos abandona na nossa peregrinação de fé, tanto nos momentos em que crescemos em fidelidade como nos momentos em que caminhamos errantes na dúvida.
- ✿ Deus renova constantemente entre nós o dom dos mártires e santos Maristas para nos dar a oportunidade de vislumbrar novos horizontes de compromisso apaixonado por Jesus Cristo e Seu Evangelho.
- ✿ Os Maristas da África, América, Ásia, Europa e Oceânia são dons maravilhosos e presenças significativas no mundo contemporâneo.
- ✿ Comunidades e famílias inspiradas pela espiritualidade Marista tornam-se fermento na massa, transformando a nossa sociedade com humildade e eficácia.
- ✿ A pessoa e a espiritualidade de Marcelino Champagnat* conferem sentido e finalidade às vidas de muitos Irmãos e Leigos Maristas e suscitam formas inéditas de ser Marista, hoje.



❖ Temos novas visões¹²⁵

155. Sustentados pela fé e pelo exemplo de São Marcelino e dos primeiros Irmãos, a espiritualidade Marista impele-nos a partir em busca de horizontes inexplorados:

❖ Como São Marcelino, atento aos pobres Montagnes* do seu tempo, esforçamo-nos o mais possível para nos tornarmos efectivos educadores Maristas da fé: abrimos novos caminhos para que os jovens sejam transformados pela experiência de conhecer e amar Jesus Cristo.

❖ Como São Marcelino, caminhando de aldeia em aldeia nos montes do Pilat*, assumimos sem hesitação o dom da educação e o compromisso da nossa presença Marista nas situações e lugares mais esquecidos, mesmo com o risco das nossas próprias vidas.

❖ Como São Marcelino, humildemente ancorado na rocha do amor incondicional de Deus, comprometemo-nos activamente na abertura de novos espaços de diálogo intercultural e inter-religioso.





❖ A minha alma engrandece ao Senhor¹²⁶

156. Como Maria no Magnificat, os nossos corações enchem-se de gratidão pelo dom da espiritualidade Marista. Neste momento da história do mundo, partilhamos a visão profética do seu Magnificat e, com Marcelino, oramos:

SONHAMOS NOVOS SONHOS

*Maria, vimos à tua presença como Mãe,
para dizer-te o quanto estamos agradecidos a Deus,
por nos ter chamado a ser pequenos irmãos e irmãs de Maria
e por te ter a ti, primeira e perfeita discípula de Jesus, como nosso modelo.*

*Maria, queremos fazer do teu Magnificat a nossa oração.
Por isso, pedimos-te que nos ajudes a ser
mais conscientes do amor de Deus nas nossas vidas
e a reconhecer que tudo é dom, que tudo vem do amor,
e que nós temos que seguir Jesus encarnando este amor,
sendo irmãos e irmãs de toda a gente,
com um amor especial pelos jovens e negligenciados.*



*Tu és o nosso Recurso Habitual,
e nós pedimos-te para rezares por nós e connosco,
para assim continuarmos a crescer, sendo:*

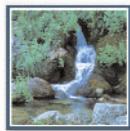
- irmãos e irmãs que irradiam esperança,
convencidos da presença activa do Espírito,
chamando todos os homens e mulheres,
a serem co-criadores de um mundo novo,
de um mundo melhor;*
- irmãos e irmãs que sabem escutar,
com corações que sabem discernir,
procurando continuamente a vontade do Pai;*
- irmãos e irmãs cheios de audácia,
sempre apaixonados pela vida!
Apóstolos Maristas, prontos a proclamar Jesus e o Seu Evangelho
com o coração ardendo de amor.*

*Ajudai-nos a ser irmãos e irmãs
de todas as pessoas que encontramos no caminho da vida,
para estar presentes entre as pessoas como tu estavas,
com um coração atento e compassivo.*

*Aceita o nosso amor, Mãe querida,
quando te pedimos que, pelo teu exemplo e pela tua intercessão,
Cristo se torne o centro das nossas vidas.¹²⁷* ♫



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO



Saciados nas correntes de Água Viva

1. Na sua trajectória espiritual, quem ou qual foi a influência mais significativa? Seria capaz de identificar algum acontecimento decisivo que tenha contribuído para formar a sua espiritualidade? Que momentos decisivos reconhece como “encontros com Montagne”?
2. Conheceu ou conhece alguém cuja espiritualidade seja “simples e prática”, por assim dizer “terra a terra”? Que características especiais descobriu nessa pessoa?
3. Das seis características da espiritualidade Marista, qual a mais forte na sua vida? Há algum elemento que gostaria de destacar?



Caminhamos na Fé

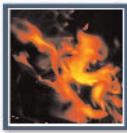
1. Recorda algum acontecimento na sua vida que tenha provocado questionamentos a respeito de Deus ou da fé? Como interferiram essas dúvidas na formação da sua espiritualidade?
2. Em que lugar sente mais facilidade para se encontrar com Deus? Que obstáculos encontra no seu processo de encontro com Deus?
3. O que mais alimenta a sua espiritualidade no momento actual da sua vida?
4. Que símbolo ou imagem usaria para explicar o que Deus significa para si e a natureza desse relacionamento?
5. Na sua história, que “pegadas de Deus” reconhece no seu caminho?
6. Que sentimentos brotam em si neste preciso momento?



Como Irmãos e Irmãs

1. Que passagem ou acontecimento da vida de Jesus o inspira mais fortemente na construção da sua comunidade/família?

- 2.** É capaz de dar exemplos de como a sua própria espiritualidade foi alimentada por algum membro da sua comunidade ou família?
- 3.** Pode partilhar exemplos de ter recebido apoio na fé da sua comunidade ou família nalgum momento de provação da sua vida?
- 4.** O que mais o ajuda a manter a sua relação autêntica, simples e acolhedora com outras pessoas?



Anunciamos a Boa-Nova aos pobres

- 1.** Hoje, que anseios e preocupações do mundo mais tocam o seu coração?
- 2.** No momento actual da sua vida, com que aspectos da Anunciação ou da Visitação mais se identifica? Qual deles considera o mais desafiador?
- 3.** Qual o maior impedimento para si, hoje, para deixar o conforto da sua própria casa e ir ao encontro de quem se encontra em necessidade?
- 4.** Quando escuta Jesus, acompanhado de Maria, que lhe diz Ele?



Sonhamos novos sonhos

- 1.** Que convicções a respeito da espiritualidade Marista acrescentaria às sugeridas neste texto?
- 2.** Em que direcção considera que a espiritualidade Marista se está a desenvolver?
- 3.** Que aspectos da espiritualidade Marista o deixam feliz?

Introdução

¹ *Escolhamos a vida*, – Mensagem do XX Capítulo Geral, No. 48.1 (Roma, 2001). O texto a que se refere é: *Missão Educativa Marista - Um projecto para o nosso tempo* (Roma, 1998).

² Cf. Ir. Seán Sammon, *Uma Revolução do Coração: A espiritualidade de Marcelino e uma identidade contemporânea para os Irmãozinhos de Maria*. Circulares Vol. XXXI, No. 1 (2003), página 47.

³ Ir. Benito Arbués, *Caminhar em paz, mas depressa*. Circulares Vol. XXX, No. 1 (1997), página 24.

⁴ Constituições 7.

⁵ Constituições 2.

⁶ Constituições 49.

⁷ Constituições 165.

⁸ Constituições 171.

⁹ O terceiro dos três retiros com os quais o Ir. Basílio abriu o 18º Capítulo Geral era dedicado à espiritualidade apostólica e marial (cf. *Actas del XVIII Capítulo General* [Roma, 1985], páginas 48-67).

¹⁰ Cf. Ir. Charles Howard, *Espiritualidade Apostólica Marista*, Circulares Vol. XXIX, No. 8 (1992); “Espiritualidade Apostólica Marista” em *Irmãos Solidários* Atas do XIX Capítulo Geral (Roma, 1993); Ir. Benito Arbués, *Caminhar em Paz, mas depressa*. Circulares Vol. XXX, No. 1 (1997), Ir. Seán Sammon, *Uma Revolução do Coração: A espiritualidade de Marcelino e uma identidade contemporânea para os Irmãozinhos de Maria*. Circulares Vol. XXXI, No. 1 (2003).

¹¹ Lucas 1, 46-55.

Saciados nas correntes de Água Viva

¹² João 7, 37.

¹³ Lucas 1, 39.

¹⁴ Cf. *Vida*, Parte 1, Capítulo X, páginas 103-105.

¹⁵ *Vida*, Parte 2, Capítulo I.

¹⁶ Algumas fontes dignas de serem mencionadas são: Francisco de Sales, Afonso

Ligório e João Eudes.

¹⁷ *Vida*, Parte 2, Capítulo VII, páginas 323-324.

¹⁸ *Vida*, Parte 1, Capítulo III, página 28.

¹⁹ *Vida*, Parte 1, Capítulo III, páginas 27.30; Capítulo XI, página 114; Parte 2, Capítulo VII, página 314.

²⁰ Cf. Carta ao Bispo Gaston de Pins,

Quaresma de 1835 (Carta No. 56).

²¹ João 7, 38.

²² *Vida*, Parte 2, Capítulo IV, página 292.

²³ Salmo 126.

²⁴ Rascunho da carta a Jean-François Preynat, 3 de Dezembro de 1836. (Carta No. 73b).

²⁵ *Vida*, Parte 2, Capítulo VI, página 312.

²⁶ *Escolhamos a Vida*. Mensagem do XX Capítulo Geral, No. 18.

²⁷ Cf. *Colossenses* 1, 15.

²⁸ *Biographies de quelques frères*, páginas 19-24 (Lyon, Paris, 1924).

²⁹ *Vida*, Parte 2, Capítulo VI, página 303.

³⁰ Cf. *Constituições* 53 e 54.

³¹ *Vida*, Parte 2, Capítulo VI, páginas 305-312.

³² Cf. *Mateus* 25.

³³ Carta ao Bispo Pompallier, 27 de Maio de

1838 (Carta No. 194).

³⁴ *Constituições* 84.

³⁵ *Constituições* 84.

³⁶ Cf. Lucas 1, 39. Então, participamos no papel mais fundamental de Maria que a Igreja antiga chamava *theotokos*, portadora de Deus.

³⁷ Cf. Ir. Charles Howard, *Espiritualidade Apostólica Marista*. Circulares Vol. XXIX No. 8 (1992), página 462.

³⁸ *Constituições* 6.

³⁹ Cf. Ir. Seán Sammon, *Uma Revolução do Coração*. Circulares Vol. XXXI No. 1 (2003), páginas 26, 59-60.

⁴⁰ Cf. *Constituições* 51.

⁴¹ *Guia da Formação*, No. 205 (Roma, 1994), citando Génesis 1, 28.

⁴² João 7, 38.

Caminhamos na fé

⁴³ Cf. Lucas 1, 26-27.

⁴⁸ *Constituições* 11.

⁴⁴ *Vida*, Parte 1, Capítulo II, página 10; cf. também *Vida*, Parte 1, Capítulo VI, página 55.

⁴⁹ Cf. Carta ao Ir. Hilarion, Paris 18 de Março de 1838 (Carta No. 181).

⁴⁵ Lucas 1, 28.

⁵⁰ *Espiritualidade Apostólica Marista* No. 14 das *Actas do XIX Capítulo Geral* (Roma, 1993).

⁴⁶ Cf. Ir. Charles Howard, *Espiritualidade Apostólica Marista*. Circulares Vol. XXIX, No. 8 (1992), página 399.

⁵¹ Lucas 1, 30.

⁴⁷ Cf. *Vida*, Parte 1, Capítulo XI, página 110.

⁵² Cf. Lucas 1, 48-50.

⁵³ Lucas 1, 48-50.

⁵⁴ Lucas 1, 35.

⁵⁵ Cf. Lucas 2, 19 e 51.

⁵⁶ Constituições 168.

⁵⁷ *Espiritualidade Apostólica Marista* No. 29 das *Actas do XIX Capítulo Geral* (Roma, 1993), *Constituições* 43.

⁵⁸ Cf. *Vida*, Parte 1, Capítulo VI, páginas 56-57.

⁵⁹ *Espiritualidade Apostólica Marista*, No. 26 das *Actas do XIX Capítulo Geral* (Roma, 1993).

⁶⁰ *Constituições* 71.

⁶¹ Cf. Lucas 24, 13-35.

⁶² *Constituições* 73.

⁶³ Cf. *Constituições* 57, 69. Ver também Ir. Seán Sammon, *Maravilhosos Companheiros: A vida comunitária dos Irmãozinhos de Maria*. Circulares Vol. XXXI, No. 2 (2005), página 69.

⁶⁴ *Nas tentações e nas lutas, abrimo-nos à ação de Cristo, que nos sara as feridas, nos liberta dos egoísmos, e nos torna filhos da Ressurreição. Recorremos também à direcção espiritual e ao sacramento da reconciliação, manancial de amor renovado* (*Constituições* 25).

⁶⁵ Lucas 1, 45.

⁶⁶ Cf. Lucas 1, 46-49.

⁶⁷ Lucas 1, 38.

Como Irmãos e Irmãs

⁶⁸ João 13, 34.

⁶⁹ Cf. João 17 e *Testamento Espiritual* de Marcelino, respectivamente.

⁷⁰ Cf. *Vida*, Parte 1, Capítulo VI, página 59; Capítulo VII, páginas 71-73.

⁷¹ Cf. *Vida*, Parte 1, Capítulo VII, página 71; ver também páginas 72-73.

⁷² Cf. *Guia da Formação* (Roma, 1994), No. 13 e seguintes.

⁷³ Cf. Ir. Charles Howard, *Espiritualidade Apostólica Marista*. Circulares Vol. XXIX,

No. 8 (1992), página 454, onde encontramos exemplos de Jesus mostrando a comunhão de vida.

⁷⁴ Cf. *Novo Millennio Ineunte*, No. 43.

⁷⁵ Cf. Actos 4, 32; cf. *Vida*, Parte 1, Capítulo X, página 103.

⁷⁶ Marcelino escreve com humildade que está disposto a fazer qualquer sacrifício pelo bem dos seus Irmãos: *Não existe nenhum bem que eu não lhes deseje, nenhum que eu não esteja firmemente determinado a*

fazer e a empreender para que dele possam desfrutar (Carta ao Ir. Denis, 5 de Janeiro de 1838; [Carta No. 168]). Para o testemunho dos Irmãos, veja-se, por exemplo, o Ir. Lourenço, *Origens Maristas*, Documento 756. Nas suas cartas, escreve com compreensão e grande afecto a cada Irmão pessoalmente, respondendo às suas preocupações, mas desafiando-os e animando-os ao mesmo tempo, com humor e apoio prático. Muitas vezes termina as suas cartas com a expressão: *Deixo-o nos Sagrados Corações de Jesus e de Maria*. Um gesto muito significativo do seu amor e da sua preocupação pelos Irmãos é o da visita a um Irmão doente que quase lhe causa a morte tanto a ele como ao seu companheiro, perdidos numa tempestade de neve. (*Vida*, Parte 2, Capítulo VII, páginas 323-324). Ver também a reflexão sobre este episódio em Ir. Seán Sammon, *Um Revolução do Coração: A espiritualidade de Marcelino e uma identidade contemporânea para os Irmãozinhos de Maria*. (Circulares Vol. XXXI, No. 1 (2003), páginas 59-60). Quando a sua comunidade está em risco, pede que levem a sua cama de enfermo para a sala para que a sua presença possa acalmar e animar os Irmãos (*Vida*, Parte 1, Capítulo XIII, página 135).

⁷⁷ Cf. Ir. Charles Howard, *Espiritualidade Apostólica Marista*. Circulares, Vol. XXIX, No. 8 (1992), páginas 454-455.

⁷⁸ Constituições 21.

⁷⁹ João 13, 34.

⁸⁰ Cf. Ir. Seán Sammon, *Uma Revolução do Coração: A espiritualidade de Marcelino e uma identidade contemporânea para os Irmãozinhos de Maria*. (Circulares, Vol. XXXI, No. 1 (2003), páginas 51-52.

⁸¹ Cf. Mateus 11, 29.

⁸² *Escolhamos a vida.*, Mensagem do XX Capítulo Geral (Roma, 2001), No. 24.

⁸³ Ir. Seán Sammon, *Maravilhosos Companheiros: A vida comunitária dos Irmãozinhos de Maria*, Circulares, Vol. XXXI, No. 2 (2005), página 71.

⁸⁴ Cf. João 2,1-11.

⁸⁵ Cf. Lembrai-vos.

⁸⁶ Cf. Lucas 15, 11-32. Ver também Ir. Seán Sammon, *Maravilhosos Companheiros: A vida comunitária dos Irmãozinhos de Maria*, Circulares, Vol. XXXI, No. 2 (2005), página 73.

⁸⁷ Cf. *Escolhamos a Vida*, Mensagem do XX Capítulo Geral (Roma 2001), No. 20.

⁸⁸ Cf. Ir. Charles Howard, *Espiritualidade Apostólica Marista*. Circulares, Vol. XXIX, No. 8 (1992), páginas 431 e 435.

⁸⁹ João 13, 35.

⁹⁰ Cf. Constituições 3. Ver também Ir. Charles Howard, *Espiritualidade Apostólica Marista*. Circulares, Vol. XXIX, No. 8 (1992), páginas 424-425.

⁹¹ Cf. *Vita Consecrata* No. 60.

⁹² Cf *Vita Consecrata* No. 51 e Ir. Charles Howard, *Espiritualidade Apostólica Marista*. Circulares, Vol. XXIX, No. 8 (1992),

página 456.

⁹³ *Vida*, Parte 1, Capítulo XXII, página 232.

⁹⁴ *Vida*, Idem.

Anunciamos a Boa-Nova aos pobres

⁹⁵ Lucas 4, 18; cf. Isaías 61, 1.

⁹⁶ João 10, 10.

⁹⁷ *Espiritualidade Apostólica Marista*, No. 13, em *Irmãos Solidários: Documentos do XIX Capítulo Geral*, Roma, 1994.

⁹⁸ Cf. Ir. Seán Sammon, *Tornar Jesus Cristo conhecido e amado – A Vida Apostólica Marista hoje*. Circulares Vol. XXXI, No. 3 (2006), página 112.

⁹⁹ Referência ao Salmo 126. Cf. *Vida*, Parte 2, Capítulo III, página 273 e Carta ao Ir. Francisco, 10 Janeiro de 1838 (Carta No. 169).

¹⁰⁰ Cf. Lucas 1, 39-45.

¹⁰¹ Cf. *Escolhamos a Vida – Mensagem do XX Capítulo Geral*, No. 42.4 (Roma, 2001).

¹⁰² Cf. Lucas 1, 39.

¹⁰³ Cf. *Espiritualidade Apostólica Marista*, No. 21, em *Irmãos Solidários – Actas do XIX Capítulo Geral* (Roma, 1993).

¹⁰⁴ Lucas 4, 18.

¹⁰⁵ *Vida*, Parte 2, Capítulo VI, página 312.

¹⁰⁶ Cf. *Escolhamos a Vida – Mensagem do XX Capítulo Geral*, No. 18 (Roma, 2001).

¹⁰⁷ Por exemplo, com a mulher Samaritana – João 4, 7-27.

¹⁰⁸ *Constituições* 21.

¹⁰⁹ Para entender o alcance do termo “irmão”, ver a *Introdução* deste mesmo documento na parte “Como ler este documento” e também o No. 119 da parte 3.

¹¹⁰ Carta ao Bispo de Bruillard, 15 de Fevereiro de 1837 (Carta No. 93).

¹¹¹ Cf. *Constituições* 82.

¹¹² Esta expressão tornou-se bastante comum entre alguns grupos Cristãos desde que o Papa João Paulo II a usou para convidar os jovens a ser “semeadores de esperança”, no II Dia Mundial da Juventude, em 1987, em Buenos Aires. Mais tarde, o Ir. Charles escreveu uma Circular convidando os Irmãos a ser homens de

esperança e homens de missão. Ir. Charles Howard, *Semeadores de Esperança*, Circulares, Vol. XXIX, No 5, (12 de Março de 1990).

¹¹³ Dom Hélder Câmara.

¹¹⁴ Cf. *Escolhamos a vida* – Mensagem do XX Capítulo Geral, No. 33 (Roma, 2001).

¹¹⁵ *Irmãos Maristas Hoje* – Mensagem do XVII Capítulo Geral, No. 16 (Roma, 1976).

¹¹⁶ Cf. Ir. Seán Sammon, *Tornar Jesus Cristo conhecido e amado – A Vida Apostólica Marista hoje*. Circulares Vol. XXXI (2006), página 111.

¹¹⁷ *Vida*, Parte 1, Capítulo VII, página 69: “Gostaria que vocês dedicassem os primeiros passos de seu zelo às crianças mais ignorantes e mais abandonadas”.

¹¹⁸ *Espiritualidade Apostólica Marista*, No. 16, em *Irmãos Solidários – Actas do XIX Capítulo Geral* (Roma, 1993).

¹¹⁹ Mateus 28, 18.

¹²⁰ Cf. Comissão Internacional Anglicano-Católica Romana (ARCIC) *Maria: Graça e Esperança em Cristo* (2005), No. 5.

¹²¹ João 2, 5.

Sonhamos novos sonhos

¹²² Cf. Joel 3, 1.

¹²³ Cf. Lucas 15, 5.

¹²⁴ Cf. Lucas 15, 5.

¹²⁵ Cf. Joel 3, 1.

¹²⁶ Cf. Lucas 1, 46.

¹²⁷ Inspirado na oração que conclui *Uma Carta de agradecimento*, Ir. Charles Howard (Roma, 1993).

GLOSSÁRIO

BOA MÃE

Para Champagnat, o título preferido atribuído a Nossa Senhora era o título de *Boa Mãe*. Entre as diferentes imagens de Maria que Marcelino conservou desde o começo até ao fim da sua vida, destaca-se uma: a imagem da *Boa Mãe*. A imagem, que mostra Jesus nos braços de Maria, inspira ternura e manifesta a presença amorosa de Maria. A figura do menino Jesus, calmo e confiante, sugere uma atitude de total confiança em Maria. Esta atitude de plena confiança foi fundamental na vida e na espiritualidade de Marcelino. Esta imagem foi a mais popular na França durante o século XIX. O título não foi criação do Padre Champagnat, pois esta denominação era muito popular na França naquela época. Mas ele adoptou-o e citou-o inúmeras vezes nos seus escritos.

Referências:

www.champagnat.org

Vida, Parte 1, Capítulo XIII, página 136 e Capítulo XXII, página 225.

Ir. Alexandre Balko, *Reponents nos origines* (Roma, 2001), Capítulo III.

CARISMA

Carisma é um conceito usado com frequência nos documentos da Igreja e dos Institutos Religiosos. Também o encontramos no mundo político e civil, em geral. Em espiritualidade, carisma é dom ou graça que o Espírito Santo dá a uma pessoa, não para o seu próprio proveito, mas para o benefício de toda a Igreja.

Os textos de São Paulo destacam a importância desses dons e afirmam que a sua diversidade enriquece a comunidade eclesial, porque, embora atribuídos a uma determinada pessoa, são colocados ao serviço de toda a comunidade. Neste sentido, cada pessoa recebe uma graça especial, o que garante a sua

participação no desenvolvimento de uma Igreja mais espiritualizada e de um mundo melhor.

Podemos, ainda, falar de carisma de um grupo ou de um Instituto. A este respeito, o Ir. Seán explica:

O carisma oferecido à Igreja e ao mundo por mediação de Marcelino Champagnat é muito mais do que um conjunto de trabalhos considerados coerentes com a sua visão original, um estilo de oração referente a uma determinada espiritualidade — por mais importante que isso possa ser — ou um conjunto de qualidades marcantes da vida do Fundador. [...] O carisma do nosso Instituto é nada mais, nada menos do que a presença do Espírito Santo. Ao permitir que o Espírito aja em nós e por nosso intermédio, podemos realizar feitos surpreendentes. [...] Hoje, o Espírito, tão activo em nosso Fundador, anseia por viver e vibrar em si e em mim.

Referências:

1 Coríntios 12-14 (especialmente 1 Coríntios 12, 8-10.28-30).

Romanos 12, 6-8.

Lumen Gentium No.12.

Christifideles Laici No. 24.

Ir. Seán Sammon, *Tornar Jesus Cristo conhecido e amado – A vida apostólica Marista hoje*. Circulares, Vol. XXXI, No. 3 (2006), páginas 29-30; 45.

CONTEMPLAÇÃO

Contemplação, no sentido religioso, é um tipo de oração ou meditação em que a reflexão e a estrutura são substituídas por um centrar-se exclusivamente na presença de Deus. No cristianismo, a contemplação está relacionada com o misticismo e foi apresentada em textos de místicos importantes, como Santa Teresa de Ávila. É um processo de oração onde o acento se põe mais numa certa

quietude e acolhimento de Deus do que na actividade orante do homem. É o olhar de fé fixado em Jesus, a atenção total à Palavra de Deus, um amor silencioso. E o mais importante: é um modo de ser, não de rezar apenas.

Referências:

Catecismo da Igreja Católica, No. 2724, (Roma, 1994).

Richard McBrien (Ed.) *Enciclopédia do Catolicismo*, Harper-Collins (Nova Iorque, 1995).

FOURVIÈRE

Numa colina, de onde se avista a cidade de Lyon, foi construída, no século XII, uma capela dedicada a Nossa Senhora que se transformou em lugar de peregrinação, tornando-se especialmente famosa no século XVII. Fourvière foi o local onde Jean-Claude Courveille, Jean-Claude Colin e Marcelino Champagnat, no dia 23 de Julho de 1816 — um dia após a sua ordenação — com outros nove companheiros, foram colocar sob a protecção de Maria o seu projecto de fundação de uma Sociedade, cuja missão seria de dar continuidade à sua obra na Igreja. Deste grupo, Marcelino ficaria responsável pela fundação dos Irmãos Maristas. Voltou tempos depois a Fourvière para assumir este compromisso que, em seguida, concretizou.

Até há bem pouco tempo, missionários Maristas, tanto Irmãos como Padres, que partiam para as missões no Pacífico Sul, iam em peregrinação a Fourvière e depositavam, no coração aberto da imagem de Maria, tiras de papel com seus nomes nelas escritos.

Referências:

<http://www.champagnat.org>

Ir. Jean-Baptiste, *Vida de José Bento Marcelino Champagnat (Edição do Bicentenário)* (São Paulo, Brasil, 1989), Parte 1, Capítulo III, página 30, nota 35.

JEAN-BAPTISTE CHAMPAGNAT

Jean-Baptiste Champagnat, pai do nosso futuro santo, era um dos bem sucedidos proprietários rurais e homem de alguma cultura. No início, apoiou a Revolução de 1789, em virtude dos ideais que ela proclamava e do progresso que anunciava, se fosse vitoriosa. Com o passar do tempo, porém, ficou evidente que o seu ardor pelo movimento arrefeceu e acabou por condenar e rejeitar os seus excessos, como a decapitação do rei, a política arbitrária de convocação militar, a perseguição e a prisão de sacerdotes, religiosos e soldados fugitivos. Durante o período revolucionário, o pai de Marcelino ocupou importantes cargos públicos na cidade de Marlhes, distinguindo-se pela sua paciência, moderação e discernimento político. Ninguém foi executado ou preso e a igreja local não foi queimada nem vendida. Como pensador, revolucionário, autoridade pública, comerciante e camponês, que competências e virtudes teria legado ao seu filho? Discernimento, compaixão, acolhimento, competência nos negócios e todas as qualidades de um trabalhador.

Referências:

Ir. Seán Sammon, *Saint Marcellin Champagnat – The life and Mission – A heart that knew no bounds* (Rome, 1999), páginas 11-12.

JEAN-BAPTISTE MONTAGNE

No dia 28 de Outubro de 1816, um acontecimento tornou-se o sinal decisivo para Champagnat colocar de imediato em prática o seu sonho de fundar uma congregação de Irmãos. O jovem sacerdote foi chamado à casa de um carpinteiro em Les Palais, uma aldeia que ficava pouco depois de Le Bessat. Um rapaz de dezassete anos, Jean-Baptiste Montagne, agonizava. O jovem ignorava completamente as verdades da fé. Marcelino instruiu-o, ouviu-o em confissão e preparou-o para a morte. Em seguida, foi visitar outra pessoa doente na região. Quando voltou à casa da família Montagne, soube que o rapaz tinha falecido. A

GLOSSÁRIO

falta de conhecimentos de Jean-Baptiste sobre Jesus convenceu o jovem sacerdote de que Deus o chamava para fundar uma congregação de Irmãos destinada a evangelizar os jovens, especialmente os mais abandonados. De regresso à casa paroquial de La Valla, Marcelino decidiu pôr imediatamente o seu plano em acção.

Referências:

Ir. Seán Sammon, *Saint Marcellin Champagnat – The life and Mission – A heart that knew no bounds* (Rome, 1999), páginas 32-33.
Vida, Parte 1, Capítulo VI, páginas 56 -57

JEAN-CLAUDE COLIN

Sacerdote francês, fundador da Sociedade de Maria (Maristas)

Colin nasceu em St-Bonnet-le-Troncy, no departamento de Rhône, França, no dia 7 de Agosto de 1790. O seu pai abrigou sacerdotes durante os tempos turbulentos da Revolução Francesa. O seu pai e a sua mãe faleceram quando Colin tinha apenas 4 anos de idade.

Colin, junto com o seu irmão Pierre, entrou para o seminário menor de Saint-Jodard. Colin esteve também algum tempo em Alix e Verrières, onde foi contemporâneo de Marcelino Champagnat e Jean-Marie Vianney. Em 1813, entrou para o seminário maior de Saint-Irénée, em Lyon. Em fins de 1814, Jean-Claude Courveille, que estudara em outro seminário, foi transferido para Saint-Irénée. Courveille recrutou um grupo de seminaristas maiores para partilhar a ideia de fundar uma Sociedade de Maria. Muitos do grupo, incluindo Colin e Courveille, foram ordenados na diocese de Lyon, em 22 de Julho de 1816. O seu irmão Pierre foi nomeado para a paróquia de Cerdon, no departamento de Aix, para onde também foi Jean-Claude.

Durante seis anos, trabalhando como vigário em Cerdon, esboçou os documentos da fundação da Sociedade de Maria (Regras de vida e Constituições). Pierre desejava participar do projecto Marista e convenceu Jean

Marie Chavoin e Marie Jotillon a se juntarem a eles. Cerdon foi transferida para a recém-criada Diocese de Belley e Jean-Claude convenceu o Bispo a permitir que os Maristas pegassem nas missões em Bugey, uma região do interior muito pobre e completamente abandonada. Pediram-lhe que assumisse uma instituição de ensino em Belley como director e, quando Roma aprovou a Sociedade de Maria, em 1836, foi eleito Superior Geral. Roma designou o vicariato da Oceânia Ocidental como área missionária da nova Sociedade.

Em 1854, Colin renunciou ao cargo de Superior Geral e retirou-se para Notre Dame de la Neylière, onde passou os últimos vinte anos de sua vida revisando e completando as Constituições da Sociedade de Maria, que foram definitivamente aprovadas pela Santa Sé no dia 28 de Fevereiro de 1873. Jean-Claude Colin morreu em La Neylière, dois anos depois.

Referência:

http://en.wikipedia.org/wiki/Jean-Claude_Colin

JEANNE-MARIE CHAVOIN

As Irmãs Maristas reconhecem como fundadores: Jeanne-Marie Chavoin (Madre São José) e Jean-Claude Colin.

Jeanne-Marie nasceu na cidade de Coutouvre, na França, no dia 29 de Agosto de 1786. O seu pai era o alfaiate da vila, por isso a sua casa era frequentada por muita gente. Jeanne-Marie cresceu com pouca educação formal, mas desenvolveu uma fé profunda e sólida. Estava bastante envolvida com a vida dos seus conterrâneos, alimentando a sua fé e cuidando dos mais abandonados. Embora fosse muito activa, encontrava força e alegria em longas horas diante do Santíssimo Sacramento. Recebeu diversos convites para entrar em diversas ordens religiosas, mas sempre os recusou, certa de que Deus a chamava para outra missão. Finalmente, em 1817, aos 31 anos, recebeu uma carta do Padre Pierre Colin, irmão de Jean-Claude Colin, que trabalhara na paróquia de Coutouvre, convidando-a para colaborar no projecto Marista. Teve

GLOSSÁRIO

imediatamente a certeza de que era para isso que Deus a chamava desde sempre. Com a sua amiga mais próxima, Marie Jotillon, partiu para Cerdon. Durante seis anos, quatro dos quais serviu como governanta do presbitério, colaborou com os irmãos Colin na formação da Sociedade de Maria — a “Obra de Maria”. Em 1823, Marie Jotillon, Marie Gardet e Jeanne-Marie Chavoin começaram a viver juntas, em comunidade, em Cerdon. As primeiras três Irmãs Maristas viviam em extrema pobreza. Observando a sua alegria e a sua santidade, muitas jovens das aldeias pediram para se juntar a elas. Oito futuras Irmãs Maristas receberam o hábito no dia 8 de Dezembro de 1824. Logo foram convidadas pelo Bispo Devie para irem a Belley, onde se realizou a primeira profissão de fé no dia 6 de Setembro de 1826. Jeanne-Marie, ou Madre São José como passou a ser conhecida, foi Superiora Geral da nova Congregação até 1853, quando renunciou. Com 69 anos, deu início a uma nova obra em Jarnosse, uma aldeia abandonada e extremamente pobre. Pôde então assumir o tipo activo e inserido de vida religiosa que sempre desejou para as suas Irmãs. Morreu em Jarnosse no dia 30 de Junho de 1858, aos 71 anos de idade.

Referência:

<http://www.marists.org/beginnings.htm>

LA LOUVESC

A pequena cidade de La Louvesc era, na época de Marcelino, um lugar de peregrinação como nos dias de hoje. As pessoas dirigiam-se a La Louvesc para rezar no altar de São João Francisco Régis, que ali faleceu depois de se ter dedicado muitos anos ao apostolado na região. A basílica actual, a terceira igreja edificada sobre a tumba do santo, é obra do arquitecto Bossan, o mesmo que construiu as basílicas de Fourvière e de Ars.

Marcelino desenvolveu um vínculo especial com a sua mãe, pois era o filho mais novo. Parece ter sido especialmente marcado desde cedo por Deus para dedicar-se ao Seu serviço. Quando decidiu estudar para ser sacerdote, Marie-Thérèse

aprovou e apoiou a decisão de Marcelino. Imediatamente, enviou o seu filho à casa de seu genro, afim de que este o ajudasse a melhorar a sua educação elementar. Como isso aparentemente não aconteceu, ela encorajou-o a rezar mais e levou-o em peregrinação ao altar de São João Francisco Régis, em La Louvesc, a 40 quilómetros de distância. Fizeram esta viagem a pé! Tempos depois, voltaram em peregrinação ao mesmo santuário, após o seu primeiro ano de seminário pouco promissor.

La Louvesc foi também o destino do Padre Champagnat quando o Padre Bochard, da diocese de Lyon, tentou por todos os meios unir a Congregação dos Irmãos que ele fundara com o Instituto dos Irmãos de Marcelino. O Padre Champagnat não concordava com esta ideia e as coisas ficaram por isso bem difíceis. Partiu então “em peregrinação ao túmulo de São João Francisco Régis, em La Louvesc, para pedir a sua intercessão e que o iluminasse e lhe desse forças”.

Referências:

<http://www.maristoz.edu.au/>

Vida, Parte 1, Capítulo XI, página 108.

Ir. José Díez Villacorta, *Lugares Maristas*, (Buenos Aires, 1999), páginas 26-27.

LA VALLA

Em Julho de 1816, o recém-ordenado padre Marcelino Champagnat foi nomeado coadjutor de uma paróquia, localizada aproximadamente a 45 quilómetros a sudeste de Lyon. Nesta época, La Valla contava com pouco mais de 500 habitantes na sede da freguesia, com outros 2000 espalhados por mais de 60 outras pequenas aldeias.

Em 1816, o Padre Champagnat alugou, e depois comprou, um pequeno prédio em péssimo estado de conservação. No dia 2 de Janeiro de 1817, instalou ali os primeiros dois Irmãos, que começaram a viver em comunidade, como Maristas. Pouco depois foi construída uma extensão para poder abrigar 8 novos

postulantes que inesperadamente se apresentaram. O padre Champagnat deixou La Valla em 1824 e mudou-se para L'Hermitage para orientar a construção.

A palavra La Valla, que significa “o vale”, em verdade não se aplica à região em torno do Monte Pilat. Ao invés de um vale composto por planícies cercadas por colinas, o que se vê são gargantas, escarpas e precipícios, com riachos forçando o seu caminho entre as pedras. O dia-a-dia do jovem sacerdote consistia em percorrer caminhos pouco transitáveis para tentar chegar a lugares quase inacessíveis. O Padre Champagnat, com certeza, enfrentou imensos desafios nestas paragens inhóspitas.

Referência:

Ir. Seán Sammon, *Saint Marcellin Champagnat – The Life and Mission - A Heart that knew no bounds* (Rome, 1999), página 28.

LECTIO DIVINA

Lectio Divina é um antiquíssimo método de oração baseado nas Escrituras, de ritmo lento e de natureza contemplativa, que utiliza a Palavra de Deus como meio de comunhão com Ele.

Tradicionalmente, a *Lectio Divina* desenvolve-se em quatro etapas.

- *Lectio*
Leitura de uma passagem seleccionada das Escrituras, devagar e repetidas vezes.
- *Meditatio*
Reflexão sobre o texto lido, procurando encontrar meios de aplicação na própria vida. Atenção às palavras e frases mais significativas. Não confundir a *meditatio* com a exegese. Trata-se, na verdade, de uma leitura pessoal das Escrituras e da sua aplicação à vida quotidiana.
- *Oratio*
Resposta ao texto seleccionado com abertura do coração a Deus. Não é, portanto, um exercício intelectual, mas uma iniciativa na qual conversamos com Deus.

- *Contemplatio*

Atitude em que ouvimos atentamente a Deus. Implica libertar-se completamente dos próprios pensamentos, mundanos ou sagrados, para poder escutar o que Deus tem a dizer, colocando a mente, o coração e a alma à disposição do Senhor.

Referência:

http://en.wikipedia.org/wiki/Lectio_divina

L'HERMITAGE

Por volta de 1824, o Instituto de Marcelino cresceu de tal maneira que ele precisou da ajuda de outro sacerdote. O Conselho Episcopal reuniu-se no dia 12 de Maio desse ano e decidiu enviar o padre Courveille.

A chegada do novo sacerdote permitiu que Marcelino se dedicasse a um projecto há muito desejado: a construção de um prédio bastante espaçoso para abrigar o número crescente de Irmãos. Comprou, então, um terreno com cinco acres, numa região localizada no vale do rio Gier. Encravado nas encostas das montanhas, o terreno apresentava frondosos carvalhos e era generosamente banhado pelas águas do rio. No final de Maio, o Vigário Geral Cholleton abençoou a primeira pedra e a construção teve início imediatamente.

Marcelino e seus jovens Irmãos trabalharam com afinco durante os meses de Verão e início de Outono de 1824. Cortavam e carregavam pedras até ao local da construção, extraíam areia, faziam argamassa e ajudavam os pedreiros profissionais contratados. Abrigado numa velha casa alugada localizada no outro lado do rio Gier, o grupo reunia-se diariamente pela manhã para a missa numa pequena clareira à sombra de um carvalho. Este lugar passou a ser conhecido como "A Capela do Bosque". Um pequeno armário servia de altar e um sino, suspenso de um galho, convocava a comunidade para a oração. Que tempos significativos para aqueles jovens, vivendo em comunidade e apoiando-se mutuamente! Que orgulho por tamanho empreendimento!

GLOSSÁRIO

Durante a construção do prédio de cinco andares, o Fundador foi um exemplo para os seus Irmãos. Ele era o primeiro a começar o trabalho todos os dias e o último a parar, à noite. Enquanto os Irmãos admiravam o exemplo de Marcelino, alguns colegas clérigos não demonstravam igual entusiasmo, pois não consideravam adequado o aspecto de um sacerdote com a roupa toda empoeirada e as mãos calejadas pelo trabalho manual. Os paroquianos de Marcelino, porém, apoiavam-no. Amavam-no como o seu pastor de almas e, sendo eles mesmos trabalhadores, admiravam a sua habilidade de construtor e pedreiro.

O novo prédio ficou pronto para ser ocupado no final do Inverno de 1825. Em Maio desse mesmo ano, os Irmãos de La Valla passaram a residir em Notre Dame de l'Hermitage. Marcelino tinha agora a Casa-Mãe do seu Instituto.

Referência:

Ir. Seán Sammon, *Saint Marcellin Champagnat – The Life and Mission - A Heart that knew no bounds* (Rome, 1999), páginas 48-49.

LITURGIA DAS HORAS (ORAÇÃO DA IGREJA)

É o nome dado, no Rito Latino da Igreja Católica Romana, à oração oficial em que as horas do dia são consagradas a Deus. O Livro dos Salmos (Saltério) é, segundo a tradição, o núcleo da Liturgia das Horas, recitada em um ciclo de quatro semanas.

Referência:

http://en.wikipedia.org/wiki/Liturgy_of_the_Hours

LOUISE CHAMPAGNAT

A pessoa que mais encorajou Marcelino, depois da sua mãe, foi Louise Champagnat, religiosa da Congregação das Irmãs de São José e irmã de Jean-Baptiste Champagnat. Foi expulsa do convento pelo novo governo e buscou

protecção na sua família durante o período dos excessos revolucionários. Louise ajudou na formação religiosa do menino Marcelino e foi provavelmente a primeira referência para a sua vida de oração e de dedicação ao próximo.

Referência:

Ir. Seán Sammon, *Saint Marcellin Champagnat – The life and Mission – A heart that knew no bounds* (Rome, 1999), páginas 11-12.

MARCELINO CHAMPAGNAT

Marcellin Joseph Benoît Champagnat (1789-1840)

Sacerdote da Sociedade de Maria, Fundador da Congregação dos Pequenos Irmãos de Maria (Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas)

Marcelino Champagnat nasceu no dia 20 de Maio de 1789, em Marlhes, localidade situada nas montanhas da região centro-leste da França. Foi o nono filho de uma família cristã muito religiosa, de quem recebeu a sua formação básica. Quando Marcelino fez 14 anos, um padre, que por ali passava, ajudou-o a discernir o chamamento de Deus para o sacerdócio.

Entre os seus colegas no seminário maior, em Lyon, estavam João Maria Vianney, o futuro Cura D'Ars, e Jean-Claude Colin, o futuro Fundador dos Padres Maristas. Foi ordenado no dia 22 de Julho de 1816.

Marcelino foi nomeado coadjutor de La Valla. O seu apostolado incluía visitas aos doentes, catequese das crianças, auxílio aos pobres e orientação cristã das famílias

No dia 2 de Janeiro de 1817, apenas seis meses após a sua chegada a La Valla, Marcelino, então com 27 anos de idade, recrutou os dois primeiros discípulos. Teve início, então, a Congregação dos Pequenos Irmãos de Maria ou Irmãos Maristas. Em 1836, a Igreja reconheceu a Sociedade de Maria e encarregou-a das missões na Oceânia. Marcelino fez os votos como membro da Sociedade de Maria e enviou três dos seus Irmãos com o primeiro missionário Padre Marista às ilhas do Pacífico.

Uma prolongada enfermidade foi pouco a pouco debilitando a sua constituição robusta. Esgotado por seus inúmeros afazeres, faleceu com a idade de 51 anos, no dia 6 de Junho de 1840.

Referência:

http://www.deaconlaz.org/marcellin_joseph_benoit_champagn.htm

MARIE-FRANÇOISE PERROTTON E AS PIONEIRAS DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS DA SOCIEDADE DE MARIA

Diferentemente de muitas congregações religiosas, as Irmãs Missionárias Maristas não reconhecem uma única fundadora ou fundador, a não ser Nossa Senhora. Mencionam, de facto, um grupo de onze Pioneiras, mulheres excepcionais que partiram para as missões em circunstâncias inéditas para aqueles tempos, sobretudo tratando-se de mulheres. Estas Pioneiras iniciaram a sua actividade missionária afiliando-se à Sociedade de Maria.

Quando foi reconhecida como congregação, em 1836, a Sociedade de Maria assumiu a responsabilidade de evangelizar as ilhas da Oceânia e quatro Padres Maristas partiram em direcção ao Pacífico. Alguns anos após o martírio de São Pedro Chanel, Padre Marista, em 1841, o povo da ilha de Futuna converteu-se ao catolicismo. Foi uma carta, enviada por duas mulheres da ilha de Wallis pedindo que alguém viesse ajudá-las a se tornarem cristãs, que inspirou a primeira Pioneira, Marie-Françoise Perroton, a deixar a França rumo ao Pacífico. Quando Marie-Françoise Perroton subiu a bordo de um navio mercante rumo às ilhas do Pacífico, davam-se os primeiros passos para a fundação das Irmãs Missionárias da Sociedade de Maria (SMSM). O seu maior desejo era ser missionária, pertencer à Sociedade de Maria e abraçar a vida religiosa consagrada. Marie-Françoise chegou às ilhas de Wallis em 1846 e ali permaneceu

alguns anos, antes de se transferir para outra ilha próxima a fim de continuar o seu trabalho apostólico. Após doze anos na Oceânia, chegaram da França outras mulheres. Entre 1857 e 1860, dez outras missionárias uniram-se a Marie-Françoise em Wallis, Futuna, Nova Caledónia e Samoa.

Estas onze mulheres, Irmãs Pioneiras, estão nas origens das Irmãs Missionárias da Sociedade de Maria. E, embora fossem leigas, o seu anseio de ser missionárias, Maristas e religiosas consagradas nunca esmoreceu.

Algumas mulheres das ilhas do Pacífico uniram-se a estas Pioneiras nos primeiros anos da sua actividade missionária. E, com o passar do tempo, outras mulheres de muitos outros países seguiram os seus passos. Após um período de desenvolvimento e integração não formal, a congregação finalmente recebeu o reconhecimento oficial da Igreja em 1931, sob a denominação de Irmãs Missionárias da Sociedade de Maria. A partir de então, o movimento lançado por Marie Françoise-Perroton concretizou-se.

Referência:

<http://www.maristmissionarysm.org>

MARIE-THÉRÈSE CHIRAT

Marie-Thérèse Chirat era a mãe de Marcelino. Pessoa prudente, de carácter sólido, casou com Jean-Baptiste Champagnat em 1775. A sua vida foi marcada por uma grande integridade, fé inabalável e amor ao trabalho.

Referência:

Ir. Seán Sammon, *Saint Marcellin Champagnat – The life and Mission – A heart that knew no bounds* (Rome, 1999), páginas 11-12.

MARISTA

No final de 1814, Jean-Claude Courveille, que estudava em outro seminário, foi transferido para Saint-Irénée, em Lyon. Courveille recrutou um grupo de seminaristas *maiores* para participarem da sua ideia de fundar a Sociedade de Maria. Ele tinha sido curado de cegueira após orar a Nossa Senhora de Le Puy. Em sinal de gratidão, teve a inspiração e a convicção de que, como havia surgido, na época da Reforma, a Sociedade de Jesus — os Jesuítas —, assim também, nesses tempos da Revolução, deveria haver uma Sociedade de Maria, cujos membros se denominariam Maristas. Acreditava que esta era uma inspiração directa de Maria. Em princípio, o sonho original da Família Marista consistia numa congregação religiosa e num ramo laico. Este sonho, contudo, não se realizou.

Não se previa, na nova Sociedade, lugar para Irmãos Educadores. No entanto, este era o desejo mais caro de Marcelino. Ele repetia sempre aos seus colegas: *Precisamos de Irmãos! E precisamos de Irmãos para ensinar o catecismo, ajudar os missionários e dirigir escolas.* Como os seus colegas não tinham previsto Irmãos na nova Sociedade, colocaram essa iniciativa sob a sua responsabilidade. E ele aceitou-a com entusiasmo.

Hoje, o termo “Marista” é partilhado por movimentos religiosos distintos. Oficialmente, existem as congregações dos Padres e Irmãos Maristas, dos Irmãos Maristas das Escolas (Pequenos Irmãos de Maria), das Irmãs Maristas e das Irmãs Maristas Missionárias. Há, também, grupos de Leigos Maristas. Alguns destes grupos seguem a espiritualidade original do Padre Colin. Outros inspiram-se na espiritualidade de São Marcelino Champagnat.

A aprovação oficial da Igreja de cada um destes ramos da família Marista ocorreu em épocas diferentes. O ramo dos Leigos Maristas recebeu reconhecimento formal em 1830. Os Padres e Irmãos Maristas foram aprovados em 1836 e assumiram as responsabilidades das recém-abertas áreas missionárias na Oceânia Ocidental (Pacífico Sul). Os Irmãos Maristas das Escolas (Pequenos Irmãos de Maria) receberam a aprovação formal em 1863 e as Irmãs Maristas em 1884. As Irmãs Maristas Missionárias foram formalmente reconhecidas como congregação religiosa em 1931.

Todos os membros desta grande família Marista — Irmãs, Irmãos, Leigos e Padres — empenham-se em viver o “espírito de Maria”.

Referências:

http://en.wikipedia.org/wiki/Jean-Claude_Colin
<http://www.mariste.be/maristfamily/familyindex.htm>

MISSÃO

Jesus foi enviado em missão pelo Pai. Iluminado pelo Espírito, anunciou a Boa-Nova e deu a sua própria vida para manter unida a família de Deus empenhada na construção do Reino de Deus. Por isso, Jesus confiou a continuidade da Sua missão à Igreja até ao fim dos tempos.

A missão da Igreja é confiada aos seguidores de Jesus. De acordo com as necessidades dos tempos, o Espírito Santo inspira na Igreja pessoas e grupos a assumirem a missão de Jesus no mundo. Institutos Religiosos, como o dos Irmãos Maristas, recebem uma missão específica através do carisma fundacional, que foi dado a São Marcelino Champagnat, para o serviço da Igreja e do mundo.

A missão do Instituto Marista é a de evangelizar pela educação. Seguindo os passos de Marcelino Champagnat, procuramos ser apóstolos junto aos jovens e às crianças, evangelizando tanto pelo exemplo da nossa vida e da nossa presença entre eles como pela educação que proporcionamos: não sendo apenas catequistas, nem meros professores.

Referências:

Constituições dos Irmãos Maristas, Nos. 78-79.
Missão Educativa Marista – Um projecto para o nosso tempo, (1998) Nos. 75 – 85.

MÍSTICA

Uma pessoa mística é aquela que, através da oração e da contemplação do mistério divino, deseja atingir uma comunhão mais profunda com Deus. A comunhão com Deus é também um dom de Deus. Sabemos que Deus pode ser conhecido pela revelação, que atinge o grau mais elevado em Cristo. No entanto, este nosso conhecimento de Deus pode ser obtido por meios intelectuais, como ocorre com os teólogos, ou mediante uma abordagem predominantemente inspirada no amor e na contemplação orante de Deus e do Seu mistério. Este conhecimento é, portanto, de natureza essencialmente mística.

Constitui um conhecimento intuitivo a respeito de Deus, que deseja estar em comunhão com as pessoas e convida-as a permanecerem em comunhão com Ele. Portanto, o objectivo da mística cristã é permitir a comunhão das pessoas com Deus.

O conhecimento místico é dom de Deus e nenhum esforço exclusivamente humano será capaz de produzi-lo. Este dom gratuito só é efectivo na pessoa, se ela estiver livremente disposta a acolhê-lo e a responder com amor à iniciativa divina. Este conhecimento floresce apenas depois de muito tempo de silenciosa experiência na fé sólida e no amor generoso.

Referências:

S. De Fiores and S.Goffi, *Nuovo Dizionario di Spiritualità* (Milano, 1985), páginas 985-988.

Ermanno Ancilli, *La Mistica* (Roma, 1984), página 39.

O “LEMBRAI-VOS” NA NEVE (MEMORARE)

No dia 23 de Fevereiro de 1823, Marcelino soube que o Irmão Jean-Baptiste, de Bourg-Argental, fora acometido de grave enfermidade. Preocupado com a condição do Irmão, o jovem sacerdote percorreu 32 quilómetros até aquela cidade. O Irmão Estanislau acompanhava-o na viagem.

Na volta, foram surpreendidos por uma violenta tempestade de neve. Ambos eram jovens e fortes, mas as horas consumidas em tentar vencer os caminhos íngremes e inóspitos do Monte Pilat finalmente levaram-nos à exaustão. O Irmão Estanislau estava completamente esgotado. O risco de morrer na neve aumentava à medida que a noite avançava. Os dois homens, então, imploraram o socorro de Maria e rezaram o “Lembrai-vos” (*Memorare*).

Instantes depois, avistaram uma luz cintilando ao longe. Um camponês do local, o Sr. Donnet, deixara a casa e dirigia-se ao estábulo. Este acontecimento revelou-se providencial. Como era hábito seu, o camponês normalmente entrava no estábulo por uma porta interior da casa. Por razões que só a fé consegue explicar, nessa noite o agricultor resolveu enfrentar a tempestade de neve e a forte ventania escolhendo um caminho exterior para ir ao estábulo, usando uma lanterna. Até ao final da sua vida, Marcelino considerou o que acontecera com ele e com o Irmão Estanislau como um milagre. Por isso, ele atribuiu sempre à acção directa da Providência Divina esta experiência, que passou a ser denominada o “Lembrai-vos na Neve”.

Referências:

Ir. Seán Sammon, *Saint Marcellin Champagnat – The life and Mission – A heart that knew no bounds* (Rome, 1999), páginas 44-45.
Vida, Parte 2, Capítulo VII, páginas 323-324.

O PROJECTO MARISTA Este termo designa o entendimento que os próprios Maristas têm da sua missão e do seu modo de vida. A palavra francesa *projet* tem duplo sentido: a) prospectiva; b) acção propriamente dita. Para os padres Maristas fundadores, este *projecto* começou a tomar forma nos tempos de seminário e foi formalizado quando firmaram a promessa diante do altar de Nossa Senhora de Fourvière, no dia 23 de Julho de 1816. Nas décadas seguintes, aprofundaram a sua

GLOSSÁRIO

compreensão do sentido de ser Marista, aumentaram em número e expandiram o estado de vida das pessoas que partilhavam o projecto: Padres, Irmãos, Irmãs, Leigas e Leigos. Marcelino Champagnat entendeu que os Pequenos Irmãos de Maria, trabalhando principalmente em escolas, partilhavam do seu *projecto* mais amplo.

Em essência, o *Projecto Marista* deve ser assumido como Obra de Maria e vivido imitando o seu modo de ser. Ele pretende desenvolver o estilo cristão de vida nas pessoas reunidas em comunidade. E deve nascer da Igreja e com ela, como a “Igreja Nascente” (em francês, *l'Eglise naissante*). A intuição do *Projecto Marista* é que a Igreja efectivamente dá vida às pessoas que assumem o espírito de humildade e simplicidade de Maria, com misericórdia e discrição, semeando as sementes da fé, da esperança e do amor.

Referência:

Vida, Parte 1, Capítulo III, páginas 27-28.

PEQUENAS VIRTUDES

São elas: indulgência, caridosa dissimulação, compaixão, santa alegria, flexibilidade de espírito, caridosa solicitude, afabilidade, cortesia sincera, condescendência, dedicação ao bem comum, paciência e igualdade de ânimo e de carácter.

Referência:

Avis, Leçons, Sentences et Instructions (Lyon, 1927), Capítulo XXVIII.

PEQUENOS IRMÃOS DE MARIA

Numa carta ao rei Luís Filipe, datada de 24 de Janeiro de 1834, Marcelino explicou a razão do nome dado ao seu Instituto. Em suas próprias palavras: *Deilhes o nome de Pequenos Irmãos de Maria por estar convencido de que ela atrairia um*

grande número de jovens. O rápido sucesso em tão poucos anos provou que a minha intuição estava certa, muito além das minhas próprias expectativas.

Este título expressa bem os três elementos centrais do espírito que Marcelino desejava para os Pequenos Irmãos de Maria: que vivessem em torno de Maria, fossem irmãos de todas as pessoas com quem trabalhassem e vivessem com humildade e simplicidade.

Quando o Instituto foi reconhecido pela Igreja, o título oficialmente conferido foi o de Irmãos Maristas das Escolas (*Fratres Maristæ a Scholis - FMS*). Mas foi permitido que o título preferido de Marcelino continuasse a ser usado.

Referência:

Vida, Parte 2, Capítulo VII, página 314, nota 4.

PILAT

Cuidar da paróquia de La Valla, localizada na região inóspita do Monte Pilat, é tarefa árdua e exigente. A população de dois mil habitantes está espalhada por depressões profundas e escarpas íngremes. Em verdade, o território de La Valla supera qualquer descrição. Não importa a direcção que se tome, não há nada além de penhascos, escarpas e precipícios por toda a parte. Muitas de suas aldeias, situadas nas encostas do Monte Pilat, a hora e meia de distância da igreja, não dispõem de estradas regulares, sendo praticamente inacessíveis.

Referência:

Vida, Parte 1, Capítulo IV, página 33.

RECURSO HABITUAL

Esta é outra denominação de Maria na tradição Marista. A expressão “Recurso Habitual” não aparece nos escritos de Marcelino. Neste caso específico, as informações do Irmão Jean-Baptiste, registadas na biografia de

GLOSSÁRIO

Marcelino, não são historicamente precisas.

Sobre isto, o Irmão Jean-Baptiste relata o seguinte acontecimento. Em 1830, a Congregação não logrou a aprovação pelo governo, passando a circular uma notícia de que as suas actividades seriam encerradas. De facto, o presidente da Câmara de Loire estava a tomar providências para fechar o noviciado. Em circunstâncias difíceis como esta, ao invés de perder a calma e a coragem, o Padre Champagnat recorria sempre à Santíssima Virgem, confiando-lhe a sua obra. Reuniu então os Irmãos e disse-lhes: *Não temam as ameaças, nem tenham medo do futuro. Maria, que nos reuniu nesta casa, não permitirá que nos tirem dela, não importa o que façam. Confiemos nela mais do que nunca, pois ela é o nosso Recurso Habitual.* Esta foi a única precaução que ele considerou necessária. E Maria, em quem ele depositava total confiança, não o abandonou. O presidente foi transferido e a casa não sofreu quaisquer represálias. A partir dessa data, todas as manhãs os Irmãos passaram a entoar a “Salve Regina”, costume que se tornou artigo das Regras de Vida do Instituto (Constituições).

Esta citação atribuída ao Fundador pode não ser literal do ponto de vista histórico. Contudo, a denominação *Recurso Habitual* foi de tal modo preservada pelos Irmãos, geração após geração, que podemos considerá-la como parte da tradição Marista, embora não seja tão significativa para os Maristas como o título “Boa Mãe”.

Referência:

Vida, Parte 2, Capítulo VII, páginas 321-322

REVISÃO DO DIA

Cada noite, dedicamos uns momentos para rever o nosso dia. Agradecemos a Deus os sinais do seu amor, pedimos perdão das faltas e renovamos o nosso desejo de fidelidade num acto de abandono filial. (Constituições 72)

Aprendemos pouco a pouco a ver além das aparências para atingir o essencial, para ver como Jesus vê, sentir mais claramente a sua presença em nossas vidas e reconhecer os convites que nos faz através da experiência da vida quotidiana. Isto depende menos de nós mesmos ou de nossos próprios esforços e mais de descobrir como Deus está a agir em nossas vidas e do tipo de resposta que Lhe oferecemos.

Referência:

Ir. Charles Howard, *Discernimento. Circulares Vol.XXIX, No. 3 (1988)*, página 104.

VATICANO II

O Concílio Vaticano II foi um congresso eclesial, teológico e ecuménico que durou de 1962 a 1965. O Papa João XXIII convocou o Concílio no dia 11 de Outubro de 1962 e, reunido com os bispos de todas as partes do mundo, procurou definir a natureza e a missão da Igreja. O Concílio encerrou no dia 8 de Dezembro de 1965. O Vaticano II representou uma mudança fundamental para a Igreja contemporânea. Produziu dezasseis documentos, alguns dos quais considerados as mais importantes expressões do magistério oficial católico na história da Igreja. As decisões do Concílio, em particular as que dizem respeito à liturgia, afectaram a vida dos católicos em todo o mundo. Após o Vaticano II, foi permitido o uso do vernáculo nas celebrações da missa. A maior participação do laicado católico passou a ser um destaque na Igreja, após esse Concílio. Grupos de estudo bíblico, encontros de casais, organizações de acção social e movimentos de renovação carismática são frutos do Vaticano II. O Concílio também viabilizou inúmeros documentos oficiais da Igreja sobre o magistério social católico. Embora a doutrina básica da Igreja não tenha mudado com o Concílio, a sua influência e os documentos que emitiu provocaram mudanças em maior

GLOSSÁRIO

número e profundidade do que as havidas nos quinhentos anos anteriores. A partir do anúncio do Papa João XXIII de que “as janelas da Igreja se abriam para o mundo”, importantes e progressivas mudanças ocorreram.

Referência:

http://www.seattleu.edu/lemlib/web_archives/vaticanII/vaticanII.htm

VOCAÇÃO

A ideia de vocação é central na fé cristã. Deus criou cada pessoa com dons e talentos orientados para projectos e estados de vida específicos. De modo especial, a ideia de vocação nas Igrejas Católica e Ortodoxa está associada ao chamamento divino para o serviço da Igreja e da humanidade, mediante determinados compromissos. Estes compromissos manifestam-se em todos os estados de vida: no matrimónio, na consagração religiosa, na ordenação sacerdotal e na vida santificada como pessoa solteira. Em sentido mais amplo, a vocação cristã inclui a utilização dos dons pessoais na profissão, na vida familiar, na igreja e nos compromissos civis ao serviço do bem colectivo.

Referência:

<http://en.wikipedia.org/wiki/Vocation>



Για να αιταιμασθούντες
συστά τα πάντα οφείλοντες
τη Γραφή μας και τη Ταπεία
οὐαὶ εἰ Ἰσοι

Ο
ΔΙ
Ο

ΘΙΑΡ
ΚΕΔ
ΛΙΝ
Ω



Πατέρες αγαπημένων,
ποσα τα πάντα οφείλοντες
τη Γραφή μας και τη Ταπεία
οὐαὶ εἰ Ἰσοι

Para educar bem os alunos,
é preciso amá-los e amá-los
todos igualmente.



São Marcelino.



Se o Senhor
não edificar a casa,
em vão trabalham
os que a edificam.



Tudo a Jesus
por Maria
tudo a Maria
para Jesus.